

# QUE TIPO DE CIRURGIA É REALIZADA EM REGIME DE AMBULATÓRIO EM PORTUGAL? RESULTADOS DO III INQUÉRITO NACIONAL

THE DEVELOPMENT OF AMBULATORY SURGERY IN PORTUGAL.  
RESULTS OF THE 3rd NATIONAL SURVEY

Paulo Lemos \*  
Eurico Alves \*\*  
Ana Regalado \*\*\*  
José Soares \*\*\*\*

## Resumo

A Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória (APCA) apresenta os resultados do III Inquérito Nacional Hospitalar sobre Cirurgia Ambulatória realizado em 2003, e a evolução registada para um conjunto de procedimentos que mais frequentemente são efectuados em regime de ambulatório. Incluíram-se 80 hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) onde se vêem representados a totalidade dos hospitais centrais do continente, gerais e especializados (n=26), e a maioria dos hospitais distritais (n=40). Catorze dos hospitais incluídos são designados por hospitais de nível I. Identificaram-se 23 códigos baseados na classificação internacional de doenças, 9.ª revisão, modificação clínica (ICD9-CM), respeitantes a 23 tipos de intervenção cirúrgica (Grupo A) internacionalmente aceites como aqueles que são mais representativos no âmbito da cirurgia realizada em regime de ambulatório (CA). O Grupo B incluiu 5 códigos de intervenções cirúrgicas que embora sejam raramente efectuados neste regime cirúrgico, prevê-se que no futuro possam vir a ser englobados no Grupo A. Obteve-se assim a expressão nacional de cirurgia em regime de ambulatório para cada tipo de intervenção incluída no presente estudo: extracção cirúrgica de dente (44,7%), circuncisão (41,1%), libertação de túnel cárpico (39,3%), dilatação e curetagem do útero (34,8%), cirurgia da catarata (31,3%), orquidectomia e orquidopexia (29,8%), cirurgia do estabismo (28,9%), exérese de quisto sacrococcígeo (28,8%), excisão local de lesão da mama (28,7%), laqueação tubar laparoscópica (23,5%), libertação de contractura de Dupuytren (21,2%), reparação de hérnia umbilical (16,1%), adenoidectomia (15,2%), miringotomia (14,9%), reparação de hérnia inguinal (14,9%), laqueação e stripping de veias varicosas (13,3%), hemorroidectomia (12,6%), amigdalectomia com ou sem adenoidectomia (9,3%), reparação de hérnia femoral (6,2%), extracção de material de osteossíntese (4,7%), lobectomia da tiróide (4,1%), biópsia, excisão ou destruição transuretral da bexiga (2,0%), artroscopia do joelho (1,9%), excisão da cartilagem semilunar do joelho (1,8%), rinoplastia (1,6%), colecistectomia laparoscópica (1,2%), mastectomia (1,1%) e excisão ou destruição de disco intervertebral (0,8%). Estes resultados permitem concluir a evolução positiva registada no nosso país nos últimos dois anos na prática da CA, criando algum optimismo entre os defensores deste regime cirúrgico e permitindo ainda a Portugal uma clara aproximação dos valores praticados pela maioria dos países desenvolvidos.

Toda esta evolução tem sido registada sem haver um claro empenhamento pelas entidades competentes no desenvolvimento de programas de CA nos hospitais do SNS. Assim, não será difícil imaginar que qualquer simples medida que promova esta prática, designadamente ao nível do financiamento, permitirá uma expansão considerável de programas de CA, e o usufruir pela nossa Sociedade de um conjunto não desprezível de vantagens clínicas, económicas e sociais que se encontram associadas a este tipo de programas.

## Palavras Chave

**Cirurgia Ambulatória; Casuística Nacional; Tipos de Intervenção Cirúrgica; Evolução.**

## Summary

The Portuguese Association for Ambulatory Surgery (APCA) identifies the national performance on ambulatory surgery (AS) on 2003, for different types of procedures by a national survey. We included 80 hospitals of the Portuguese National Health System (NHS) that represents all the central general and specialized hospitals (n=26) and the majority of the district hospitals (n=40). The

Endereço para correspondência:  
Dr. Paulo Lemos  
Serviço de Anestesiologia  
Hospital Geral de Santo António  
4099-001 PORTO  
E-mail: paulo.flemos@netcabo.pt

\* Assistente Hospitalar Graduado de Anestesiologia  
Presidente da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória  
\*\* Assistente Hospitalar Graduado de Cirurgia Geral  
Ex-Tesoureiro da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória  
\*\*\* Assistente Hospitalar Graduada de Anestesiologia  
Tesoureiro da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória  
\*\*\*\* Assistente Hospitalar Graduado de Urologia  
Secretário da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória

other fourteen are small hospitals. We identify 23 surgical codes based on the International Classification of Diseases, 9<sup>th</sup> Revision, Clinical Modification (ICD9-CM), related to 23 types of surgery (Group A), internationally accepted as the most representative for day surgery. Group B includes 5 ICD9-CM surgical codes of surgeries seldom performed as a day basis nowadays, but possible to be included in the Group A in the next future. We found a national day surgery performance level for each type of surgical procedure included in this study: extraction of teeth (44,7%), circumcision (41,1%), carpal tunnel decompression (39,3%), dilatation and curettage of uterus (34,8%), cataract surgery (31,3%), orchidectomy-orchidopexy (29,8%), squint surgery (28,9%), excision of pilonidal cyst (28,8%), excision of breast lump (28,7%), laparoscopic sterilization (23,5%), Dupuytren (21,2%), umbilical hernia repair (16,1%), adenoidectomy (15,2%), myringotomy (14,9%), inguinal hernia repair (14,9%), vein ligation and stripping (13,3%), haemorrhoidectomy (12,6%), tonsillectomy with or without adenoidectomy (9,3%), femoral hernia repair (6,2%), implanted devices (4,7%), thyroid lobectomy (4,1%), transurethral excision or destruction of bladder tissue (2,0%), knee arthroscopy (1,9%), excision of semilunar knee cartilage (1,8%), submucous resection (ENT) (1,6%), laparoscopic cholecystectomy (1,2%), mastectomy (1,1%) and excision or destruction of intervertebral disc (0,8%). These results allowed the comparison with other studies, in a national level revealing the positive evolution of day surgery in Portugal, and in an international level giving the idea that we are reducing our difference in relation to other developed countries of the world.

This evolution has been registered without any effective help of the Portuguese health authorities towards the development of AS programmes in the NHS hospitals. We can foresee important advances in AS in Portugal with the creation of simple health policies that promotes projects, namely financially ones, in order to massively profit from all the advantages that are associated with AS programmes.

**Keywords** — **Ambulatory Surgery; Portuguese data; Types of surgical procedures; Trends.**

**I – INTRODUÇÃO** | O desenvolvimento de programas de Cirurgia Ambulatória (CA) parece começar a despontar em Portugal apesar do pequeno empenhamento evidenciado pelas entidades competentes na promoção deste tipo de programas cirúrgicos. O envolvimento e interesse de um número crescente de Hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) na prática da CA mostram a atenção com os Hospitais olham para a necessidade de evoluir em programas centrados no doente, de elevada eficiência, com qualidade e segurança, e de baixo custo. Os programas de cirurgia em regime de ambulatório são talvez os programas de saúde que melhor se enquadram nas características atrás descritas.

Por outro lado, as estatísticas nacionais relativos a indicadores de saúde, têm omitido qualquer referência a este tipo de prática, pelo que a Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória (APCA) tem procurado desde a sua constituição, fazer levantamentos nacionais onde possa avaliar o desenvolvimento desta prática no nosso país, quer em termos globais, regionais ou institucionais.

Assim, na sequência dos dois anteriores inquéritos nacionais realizados em 1999 e 2001 fruto de subseqüentes publicações nacionais<sup>1,2,3</sup> e internacionais<sup>4</sup>, e no seguimento de uma primeira publicação referente à casuística nacional obtida pelo III Inquérito Nacional de Cirurgia Ambulatória<sup>5,6</sup>, a APCA vem agora apresentar, à semelhança do ocorrido em anterior publicação<sup>7</sup>, dados relativos à tipificação da prática da cirurgia em regime de ambulatório que ocorre nos hospitais do SNS.

Dessa forma procurar-se-à mostrar a evolução registada nos últimos dois anos (2003 versus 2001), nos diferentes hospitais, e comparar esta evolução em termos nacionais com aquela registada noutros países.

**II – MATERIAL E MÉTODOS** | O III inquérito nacional hospitalar elaborado pela APCA foi distribuído a todos os hospitais do SNS por iniciativa da Secretaria de Estado da Saúde através do envolvimento das Administrações Regionais de Saúde. Foi também enviado a dois hospitais das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, o Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada, e o Centro Hospitalar do Funchal, respectivamente, assim como ao Hospital Militar Principal, que não pertence ao Ministério da Saúde.

No inquérito solicitava-se expressamente que a produção cirúrgica hospitalar fosse relativa ao ano de 2003, e que a pequena cirurgia e a cirurgia efectuada segundo o programa especial de combate à lista de espera cirúrgica (PECLEC) fossem referenciadas à parte. O inquérito nacional era precedido de uma nota introdutória onde se explicavam as razões do presente trabalho e a forma de preenchimento do mesmo.

No inquérito solicitava-se informação relativa à produção cirúrgica hospitalar para 33 tipos diferentes de procedimentos cirúrgicos codificados segundo a tabela internacional ICD9-CM (International Classification of Diseases – 9th revision – Clinical Modification). Os 26 primeiros códigos foram incluídos no

Grupo A sob a designação de **Procedimentos Seleccionados para Cirurgia Ambulatória**. Relativamente ao inquérito de 2001, salienta-se neste conjunto de procedimentos a inclusão da exérese de quisto sacrococcígeo. Estes são consensualmente designados como os procedimentos cirúrgicos mais frequentemente realizados em regime de ambulatório. No Grupo B foram incluídos 7 tipos de cirurgia sob a designação de **Procedimentos não universalmente realizados em regime de ambulatório. Procedimentos de Internamento**. Estes procedimentos raramente são efectuados em regime de ambulatório muito embora a evolução tecnológica e o avanço da ciência médica nos permitam prever a crescente responsabilidade destas e doutras cirurgias semelhantes nos programas de CA, no futuro próximo. Neste Grupo B, salienta-se a inclusão de um novo procedimento relativamente ao inquérito de 2001, que foi a lobectomia da tiróide.

A recolha de dados foi dada por terminada quando obtivemos a totalidade da casuística referente aos 80 hospitais incluídos na amostra, o que só foi possível em Janeiro de 2005, após insistentes diligências junto dos respectivos Conselhos de Administração dos hospitais em falta. Houve várias alterações no conjunto de hospitais que fizeram parte deste III inquérito nacional, quando se compara com o anterior realizado em 2001, e publicado em moldes idênticos, que contava com 69 instituições hospitalares <sup>7</sup>. Para além das alterações estruturais na rede hospitalar do SNS das quais salientamos a criação do Centro Hospitalar Médio Tejo (que inclui os Hospitais Dr. Manoel Constâncio, em Abrantes, o Hospital de Nossa Senhora da Graça, em Tomar, e o Hospital Distrital de Torres Novas), do Centro Hospitalar Vila Real / Peso da Régua, e do Centro Hospitalar do Alto Minho, incluímos vários hospitais em especial na Região Centro (Hospital dos Covões, Hospital Arcebispo João Crisóstomo, em Cantanhede, Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, Hospital Cândido Figueiredo, em Tondela, Hospital Visconde Salreu, em Estarreja) e vários hospitais especializados dos quais destacamos os diversos centros regionais do Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil, e as Maternidades de Lisboa (Maternidade Dr. Alfredo da Costa) e de Coimbra (Maternidade Bissaya-Barreto) e o Instituto de Oftalmologia, Dr. Gama Pinto. A Maternidade Júlio Dinis, no Porto, fazia já parte do nosso anterior inquérito. Na Região do Alentejo foi ainda incluído o Hospital do Litoral Alentejano, em Santiago do Cacém.

**III – RESULTADOS** | Os resultados obtidos dizem respeito à totalidade dos 80 hospitais públicos portugueses envolvidos neste inquérito nacional.

As 80 instituições inquiridas englobam a quase totalidade dos hospitais com actividade cirúrgica nos 18 Distritos do Continente e da Região Autónoma da Madeira. O único repre-

sentante da Região Autónoma dos Açores, foi o Hospital Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada.

Dos 26 códigos cirúrgicos incluídos no Grupo A sob a designação **Procedimentos Seleccionados para Cirurgia Ambulatória** optou-se por se apresentarem os resultados de apenas 24 pelos seguintes motivos: *i)* não inclusão dos dados referentes à inserção de prótese no cristalino (GDH = 13.70 a 13.72) por se considerarem ser uma duplicidade dos valores referentes à operação no cristalino (catarata) para os códigos de GDH de 13.11 a 13.69; *ii)* inclusão num quadro único dos dados referentes a amigdalectomia com (GDH = 28.3) ou sem (GDH = 28.2) adenoidectomia.

A pequena expressão em termos de número absoluto ou em valores percentuais de alguns dos 24 códigos cirúrgicos (artroscopia do joelho, excisão de cartilagem semilunar do joelho, extracção cirúrgica de dente, reparação de hérnia femoral, reparação de hérnia umbilical, reparação de outro tipo de hérnia, rinoplastia, extracção material de osteossíntese) levaram à sua inclusão apenas nos quadros respeitantes à produção global do conjunto de intervenções cirúrgicas do Grupo A (Quadros XVII e XVIII). Assim, apenas se apresentam exaustivamente os resultados de 16 códigos cirúrgicos, que se encontram referenciados aos primeiros 16 Quadros. Nestes, podem observar-se o número absoluto e a frequência relativa de cada tipo de intervenção cirúrgica relativamente ao regime de ambulatório, em cada hospital, e a sua expressão percentual registada em 2001 no anterior inquérito nacional. Pode ainda ver-se na parte inferior de cada quadro os totais referentes a cada procedimento, com um primeiro valor relativo à percentagem de hospitais que apresenta programas de cirurgia ambulatória para aquele procedimento num Universo de hospitais que praticam o procedimento (a título de exemplo, apenas 47 hospitais referem a prática da laqueação tubar laparoscópica e apenas 12 as realiza em regime de ambulatório, perfazendo uma percentagem de 25,5% para este procedimento).

A operação no cristalino, vulgarmente designada por cirurgia de catarata, é a cirurgia mais frequentemente realizada nos hospitais públicos portugueses (Quadro XVIII), mesmo em regime de ambulatório (31,3%). No Quadro I, pode constatar-se, contudo, a pequena evolução global registada neste regime cirúrgico para este procedimento. Fazendo uma análise mais detalhada, podemos verificar o início desta prática com percentagens significativas, superiores a 25% da totalidade dos procedimentos efectuados, em 8 hospitais (Hospital Distrital de Aveiro, Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja, Hospital Distrital da Figueira da Foz, Hospital de Santa Maria e Hospital Egas Moniz, em Lisboa, Centro Regional do Porto do IPO, Hospital de S. Bento, em Santo Tirso e Centro Hospitalar de Vila Real / Peso da Régua) enquanto ele desaparece em dois hospitais com tradição em CA (Hospital Distrital de Santarém e Hospital de S. João, no Porto). Deve ainda dar-se relevo aos excelentes desempenhos (superiores a 65% do total de

**QUADRO I | Evolução da realização da cirurgia no cristalino – catarata – em regime de ambulatório (código 13.11 a 13.69 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 51 hospitais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	CIRURGIA DE CATARATA				HOSPITAIS	CIRURGIA DE CATARATA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	314	571	55,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)		0		
H S Sebastião – Feira	771	1220	63,2	35,2	H Pulido Valente (Lx)		0		
H S João Madeira	0	290	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	312	1161	26,9	44,0
H N S Ajuda – Espinho		0			H D Estefânia (Lx)	1	2	50,0	
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	510	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)	5	1574	0,3	
H J J Fernandes – Beja	134	342	39,2	0,0	IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	680	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	154	154	100	8,2
H S Marcos – Braga	0	200	0,0	0,0	HD Torres Vedras		0		
H S Oliveira – Guimarães	0	290	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira		0		
H S João Deus – Famalicao	0	213	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	360	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	82	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	78	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas		0		
HD Bragança	0	428	0,0	0,0	H S João – Porto	0	1978	0,0	42,3
HD Mirandela	0	238	0,0	0,0	H G S António – Porto	1116	1460	76,4	52,5
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	619	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	134	0,0	0,0	IPO – Porto	119	119	100	
H Universidade Coimbra	2431	2790	87,1	83,1	CH V N Gaia	992	1007	98,5	100
H Covões (CHC)	0	419	0,0		HP Hispano – Matosinhos	0	634	0,0	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)	0	1	0,0	0,0	H S Bento – Santo Tirso	145	149	97,3	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	195	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz	88	319	27,6	0,6	CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	277	0,0	0,0	HD Santarém	3	166	1,8	23,0
HD Faro	0	419	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	320	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	235	267	88,0	33,8	H S Bernardo – Setúbal	0	348	0,0	0,0
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	363	0,0	0,0
H Dr S Martins – Guarda	0	254	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	332	0,0	0,0
H S André – Leiria	519	761	68,2	64,9	H Montijo		0		
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	544	0,0	0,0
CH Caldas Rainha	6	89	6,7		CH Vila Real / Peso Régua	174	279	62,4	0,0
H Santa Maria (Lx)	429	783	54,8	0,0	HD Chaves	0	200	0,0	0,0
H S José (Lx)	311	1156	26,9	17,9	H S Teotónio – Viseu	0	713	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	217	785	27,6	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego		0		
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espir Santo – P Delgada	0	467	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	382	0,0	

TOTAL	% Hospitais c/ CA	Ambulatório	Total	% Amb/Tot 2003	% Amb/Tot 2001
	41,2%	8.476	27.122	31,3%	29,6%

cataratas operadas) dos Hospitais da Universidade de Coimbra, Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão, Hospital de Santo André, em Leiria, Centro Hospitalar de Cascais, Hospital Geral de Santo António, no Porto, Centro Regional do Porto do IPO, Centro Hospitalar de V. N. Gaia, e Hospital de S. Bento, em Santo Tirso. Salienta-se pela negativa a baixa percentagem

(0,3%) de cataratas realizadas em regime de ambulatório no Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em Lisboa.

A reparação da hérnia inguinal é a segunda cirurgia mais frequentemente feita nos hospitais incluídos neste estudo (Quadro XVIII). A evolução realizada em regime de ambulatório é evidenciada no Quadro II. Destaca-se o peso natural deste

**QUADRO II | Evolução da reparação da hérnia inguinal em regime de ambulatório (código 53.00 a 53.17 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 76 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	CIRURGIA DE HÉRNIA INGUINAL				HOSPITAIS	CIRURGIA DE HÉRNIA INGUINAL			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	40	246	16,3	8,2	H Curry Cabral (Lx)	0	487	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	47	373	12,6	1,0	H Pulido Valente (Lx)	1	297	0,3	0,6
H S João Madeira	0	223	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	0	433	0,0	5,0
H N S Ajuda – Espinho	0	92	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)	101	101	100	32,5
H Visconde Salreu – Estarreja	0	66	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	101	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	80	197	40,6	17,0	IPO – Lisboa	0	8	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	70	0,0		H F Fonseca (Amadora)	74	868	8,5	0,0
H S Paulo – Serpa	19	46	41,3	0,0	CH Cascais	162	198	81,8	13,0
H S Marcos – Braga	0	189	0,0	17,7	HD Torres Vedras	3	265	1,1	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	265	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	62	327	19,0	29,7
H S João Deus – Famalicão	22	206	10,7	8,3	H Militar Principal (Lx)	0	130	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	159	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	190	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	158	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	158	0,0	0,0
HD Bragança	0	153	0,0	0,0	H S João – Porto	118	598	19,7	14,8
HD Mirandela	0	158	0,0	0,0	H G S António – Porto	137	214	64,0	38,2
H Macedo de Cavaleiros	0	30	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	102	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	219	499	43,9	4,8
CH Cova da Beira	0	224	0,0	0,0	IPO – Porto	0	6	0,0	
H Universidade Coimbra	102	475	21,5	13,5	CH V N Gaia	86	392	21,9	0,0
H Covões (CHC)	0	110	0,0		HP Hispano – Matosinhos	97	295	32,9	41,4
H Pediátrico Coimbra (CHC)	195	206	94,7	88,3	H S Bento – Santo Tirso	5	160	3,1	7,1
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	276	0,0	0,0
IPO – Coimbra	0	8	0,0		H S Gonçalo – Amarante	57	207	27,5	0,0
HD Figueira Foz	15	181	8,3	7,2	CH Póvoa Varzim / VConde	110	220	50,0	37,5
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	81	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	81	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	25	0,0	0,0	HD Santarém	161	348	46,3	58,1
HD Faro	0	204	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	541	0,0	1,6
HB Algarvio – Portimão	90	250	36,0	100	H S Bernardo – Setúbal	0	248	0,0	0,0
HD Lagos	18	182	9,9	1,5	H Garcia Orta – Almada	99	311	31,8	9,8
H Dr S Martins – Guarda	0	200	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	186	0,0	0,0
H S André – Leiria	57	215	26,5	41,9	H Montijo	0	126	0,0	0,0
HD Pombal	0	92	0,0	1,3	CH Alto Minho – V Castelo	0	304	0,0	0,5
CH Caldas Rainha	47	100	47,0		CH Vila Real / Peso Régua	3	232	1,3	4,5
H Santa Maria (Lx)	122	545	22,4	0,0	HD Chaves	0	170	0,0	0,0
H S José (Lx)	4	320	1,3	5,5	H S Teotónio – Viseu	113	516	21,9	9,2
H Egas Moniz (Lx)	0	139	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	190	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)	2	203	1,0	0,0	HD Lamego	5	114	4,4	3,7
H Santa Cruz (Lx)	37	91	40,7	32,5	HD Espir Santo – P Delgada	0	182	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)	0	5	0,0	0,0	CH Funchal	0	284	0,0	

TOTAL	% Hospitais c/ CA	Ambulatório	Total	% Amb/Tot 2003	% Amb/Tot 2001
	46,1%	2.510	16.852	14,9%	9,3%

procedimento neste regime cirúrgico nos hospitais pediátricos, com a quase totalidade dos mesmos a serem efectuados nos Hospitais de D. Estefânia, em Lisboa, e Hospital Pediátrico de Coimbra, ficando-se o Hospital Maria Pia, no Porto, por cerca de metade das hérnias inguinais operadas durante 2003. Apesar de alguns retrocessos pontuais de que o mais relevante será o do Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão (passou de 100% para 36,0% das suas hérnias a serem realizadas em regime de ambulatório), verificou-se na maioria dos hospitais um importante avanço do qual se destaca o registado no Centro Hospitalar de Cascais (passou de 13,0% para 81,8%). A dilatação e curetagem do útero foi um dos procedimentos que mais cresceu em termos absolutos totais (Quadro XVIII), voltando a valores registados em 1995 <sup>7</sup>, mesmo relativamente à sua prática em regime de ambulatório, onde triplicou os seus valores percentuais, passando de 11,5% para 34,8% (Quadro III). Talvez esta diferença resulte apenas da inclusão de duas Maternidades (Bissaya-Barreto, em Coimbra, e Alfredo da Costa, em Lisboa) que não figuravam no inquérito anterior, e apresentam números absolutos e percentagens muito elevadas (83,1% e 100,0%, respectivamente). Como noutros casos existe uma enorme variabilidade entre hospitais. Não deixa porém de ser curioso, que hospitais onde a cirurgia em regime de ambulatório tem uma forte expressão, não realizem de todo este procedimento, como é o caso do Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão, ou de outros, em que não existe qualquer tradição da cirurgia em regime de ambulatório, como no caso do Hospital Espírito Santo, em Évora, se tenham realizado cerca de 70% das curetagens em regime de ambulatório (mais de 200 intervenções cirúrgicas).

A laqueação e stripping de veias varicosas (Quadro IV), ou tratamento cirúrgico de varizes, foi dos procedimentos cirúrgicos que mais cresceu em termos globais nos últimos 8 anos, passando de cerca de 3.000 cirurgias em 1995 <sup>7</sup> para cerca de 10.000 em 2003. Com algumas excepções (Hospital de S. Sebastião, na Feira, Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja, Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Centro Hospitalar de Cascais, Hospital de S. João, no Porto) não se registaram alterações percentuais significativas entre 2001 e 2003, já que a maioria dos hospitais que mostrava casuística nesta área a manteve e poucos foram os hospitais que iniciaram a realização do tratamento cirúrgico de varizes em regime de ambulatório. Estranha-se, contudo, que o Hospital de Santa Marta, em Lisboa, que realiza cerca de 1.000 intervenções / ano, não tenha feito qualquer cirurgia em regime de ambulatório.

Na área da otorrinolaringologia, as amigdalectomias com ou sem adenoidectomias (Quadro V), as adenoidectomias (Quadro VI) e as miringotomias (Quadro VII) tiveram evoluções nacionais diferentes, mas longe do que seria de esperar, em especial quando se trata de uma área pediátrica por excelência. De forma estranha, as adenoidectomias não registaram qualquer evolução, apresentando valores em 2003 muito idênticos aos de

2001 (15,2% e 14,3%, respectivamente), enquanto que para os outros dois casos praticamente duplicaram. Estranha-se a quase ausência desta prática cirúrgica em regime de ambulatório para os três procedimentos nos hospitais pediátricos de Coimbra e Maria Pia, no Porto. O Hospital D. Estefânia, em Lisboa, ainda consegue apresentar alguns casos (superiores a 30% do total) nas adenoidectomias (Quadro VI) e miringotomias (Quadro VII). Contudo, é de salientar que a prática em regime de ambulatório destes três procedimentos se deve quase exclusivamente aos Hospitais do Barlavento Algarvio, em Portimão, Hospital Santa Maria, em Lisboa, Hospital de Pedro Hispano, em Matosinhos, Hospital Distrital de Santarém e Hospital de N. Senhora do Rosário, no Barreiro.

A laqueação tubar laparoscópica é das cirurgias ginecológicas mais representativas na área do ambulatório, que teve de facto um crescimento considerável quando se comparam os valores de 2001 e 2003 (Quadro XVIII). O aumento que se registou em termos globais permitiu também uma transferência importante de casos que em 2001 se faziam em regime de internamento e que se passaram a fazer em regime de ambulatório em 2003, duplicando-se o valor absoluto para mais de 600 cirurgias que traduziu uma expressão nacional de 23,5% (Quadro VIII). Contudo, este aparente bom resultado deve-se quase exclusivamente ao esforço de uma dúzia de hospitais que tem a exclusividade da sua realização em regime de ambulatório, destacando-se o papel desempenhado por 6 hospitais, que juntos representam mais de 90% das operações realizadas em regime de ambulatório: Hospital de S. Sebastião, na Feira, Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, Hospital de S. João, Hospital Geral de Santo António e Maternidade de Júlio Dinis, no Porto, e finalmente o Hospital Distrital de Santarém.

A cirurgia de estrabismo é um procedimento que tem pouca expressão global, já que a sua produção nacional tem estado estabilizada em torno das 1.500 cirurgias / ano (Quadro XVIII). Contudo, verificou-se uma transferência muito significativa de cirurgias do regime de internamento para ambulatório levando a triplicar o seu número (passou de 152 cirurgias em 2001 para 442 cirurgias em 2003), explicando o salto de 9,5% para 28,9% quando se comparam os dois anos em causa (Quadro IX). Os grandes responsáveis por esta situação são o Hospital de Santa Maria, em Lisboa, que não praticava este acto em regime de ambulatório em 2001 e passou a fazê-lo quase na totalidade em 2003 (93,0% do total de 187 doentes operados) e o Instituto de Oftalmologia Dr Gama Pinto que faz mais de metade dos procedimentos em regime de ambulatório e não fazia parte do nosso inquérito em 2001. Estranha-se o resultado do Hospital Geral de Santo António, no Porto, e dos Hospitais da Universidade de Coimbra que tantas cataratas realizam em regime de ambulatório e que na área do estrabismo apresentam números insignificantes (0,6% e 1,3%, respectivamente).

A excisão local de nódulo da mama é um dos procedimentos que mais poderia ganhar num programa de CA. O seu aumento

**QUADRO III | Evolução da realização da dilatação e curetagem do útero em regime de ambulatório (código 69.09 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 59 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	DILATAÇÃO E CURETAGEM DO ÚTERO				HOSPITAIS	DILATAÇÃO E CURETAGEM DO ÚTERO			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	83	161	51,6	38,1	H Curry Cabral (Lx)	0	2	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	31	65	47,7	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	2	0,0	0,0
H S João Madeira		0			H S António Capuchos (Lx)		0		
H N S Ajuda – Espinho	0	4	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)	29	36	80,6	65,5
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)	623	623	100	
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	38	151	25,2	14,5	IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	18	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais		0		92,9
H S Marcos – Braga	0	3	0,0	0,0	HD Torres Vedras	1	77	1,3	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	239	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	2	31	6,5	84,8
H S João Deus – Famalicão	6	13	46,2	62,5	H Militar Principal (Lx)	0	8	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	20	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	63	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas	3	30	10,0	0,0
HD Bragança	0	35	0,0	0,0	H S João – Porto	22	41	53,7	1,5
HD Mirandela		0			H G S António – Porto	2	7	28,6	0,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto	58	530	10,9	0,0
H Amato Lusitano – C Branco	0	91	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	58	0,0	0,0	IPO – Porto	0	222	0,0	
H Universidade Coimbra	5	135	3,7	0,0	CH V N Gaia	9	192	4,7	0,0
H Covões (CHC)		0			HP Hispano – Matosinhos	109	228	47,8	19,2
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	0	44	0,0	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)	704	847	83,1		H Vale Sousa		0		
IPO – Coimbra	0	20	0,0		H S Gonçalo – Amarante	0	104	0,0	0,0
HD Figueira Foz	65	115	56,5	5,9	CH Póvoa Varzim / VConde	51	205	24,9	0,0
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	40	0,0		H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	237	348	68,1	0,0	HD Santarém	0	60	0,0	23,8
HD Faro	0	72	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	256	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	0	285	0,0	9,8	H S Bernardo – Setúbal	0	138	0,0	0,0
HD Lagos	0	2	0,0	33,3	H Garcia Orta – Almada	34	41	82,9	45,8
H Dr S Martins – Guarda	0	340	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	10	0,0	0,0
H S André – Leiria	216	388	55,7	31,5	H Montijo		0		
HD Pombal	41	42	97,6	100	CH Alto Minho – V Castelo	19	82	23,2	0,0
CH Caldas Rainha	29	103	28,2		CH Vila Real / Peso Régua	61	128	47,7	45,8
H Santa Maria (Lx)	0	67	0,0	0,0	HD Chaves	0	66	0,0	0,0
H S José (Lx)		0		40,0	H S Teotónio – Viseu	0	42	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	18	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)	136	270	50,4	45,6	HD Lamego	0	65	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)	9	13	69,2	55,6	HD Espir Santo – P Delgada	0	187	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	48	0,0	

TOTAL	% Hospitais c/ CA 45,8%	Ambulatório 2.623	Total 7.531	% Amb/Tot 2003 34,8%	% Amb/Tot 2001 11,5%
-------	----------------------------	----------------------	----------------	-------------------------	-------------------------

**QUADRO IV | Evolução da realização de laqueação de veias varicosas em regime de ambulatório (código 38.59 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 65 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	CIRURGIA DE VARIZES				HOSPITAIS	CIRURGIA DE VARIZES			
	AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	1	92	1,1	4,1	H Curry Cabral (Lx)	0	108	0,0	29,9
H S Sebastião – Feira	67	390	17,2	0,0	H Pulido Valente (Lx)	1	115	0,9	2,1
H S João Madeira	0	191	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	1	439	0,2	1,2
H N S Ajuda – Espinho	0	137	0,0	2,4	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	19	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	98	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
J J Fernandes – Beja	37	110	33,6	2,1	IPO – Lisboa	0			
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	18	0,0		H F Fonseca (Amadora)	0	247	0,0	7,7
H S Paulo – Serpa	10	16	62,5	0,0	CH Cascais	129	133	97,0	4,3
H S Marcos – Braga		0			HD Torres Vedras	0	173	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	111	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	17	71	23,9	38,9
H S João Deus – Famalicão	0	68	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	36	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	68	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	36	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	53	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	54	0,0	0,0
HD Bragança	0	26	0,0	0,0	H S João – Porto	78	556	14,0	2,9
HD Mirandela	0	84	0,0	0,0	H G S António – Porto	531	620	85,6	90,3
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	28	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	95	0,0	0,0	IPO – Porto		0		
H Universidade Coimbra	2	375	0,5	1,0	CH V N Gaia	2	242	0,8	0,0
H Covões (CHC)	0	131	0,0		HP Hispano – Matosinhos	1	60	1,7	2,1
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	0	43	0,0	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	133	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	1	75	1,3	0,0
HD Figueira Foz	8	187	4,3	3,4	CH Póvoa Varzim / VConde	0	186	0,0	100
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	16	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	18	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	45	0,0	0,0	HD Santarém	14	238	5,9	0,0
HD Faro	0	63	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	127	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	103	206	50,0	50,4	H S Bernardo – Setúbal		0		
HD Lagos	10	109	9,2	21,7	H Garcia Orta – Almada		0		9,1
H Dr S Martins – Guarda		0			H N S Rosário – Barreiro	0	95	0,0	0,0
H S André – Leiria	149	257	58,0	56,8	H Montijo	0	127	0,0	0,0
HD Pombal	0	110	0,0	0,0	CH Alto Minho – V Castelo	4	430	0,9	0,4
CH Caldas Rainha	10	64	15,6		CH Vila Real / Peso Régua	0	118	0,0	7,4
H Santa Maria (Lx)	47	214	22,0	0,0	HD Chaves	0	64	0,0	0,0
H S José (Lx)	9	234	3,8	8,0	H S Teotónio – Viseu	0	72	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	64	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	1	32	3,1	
H S Francisco Xavier (Lx)	0	51	0,0	0,0	HD Lamego	14	94	14,9	24,6
H Santa Cruz (Lx)	27	44	61,4	55,3	HD Espír Santo – P Delgada	0	76	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)	0	911	0,0	0,0	CH Funchal	0	71	0,0	

TOTAL	% Hospitais c/ CA 40,0%	Ambulatório 1.274	Total 9.574	% Amb/Tot 2003 13,3%	% Amb/Tot 2001 8,7%
-------	----------------------------	----------------------	----------------	-------------------------	------------------------



**QUADRO V | Evolução da realização de amigdalectomias c/ ou s/ adenoidectomia, em regime de ambulatório (códigos 28.2 e 28.3 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 55 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	AMIGDALECTOMIA C/ OU S// ADENOIDECTOMIA				HOSPITAIS	AMIGDALECTOMIA C/ OU S// ADENOIDECTOMIA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	176	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)		0		
H S Sebastião – Feira	4	377	1,1	0,3	H Pulido Valente (Lx)	0	220	0,0	4,0
H S João Madeira	0	108	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)		0		
H N S Ajuda – Espinho		0			H D Estefânia (Lx)	1	176	0,6	2,3
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	2	2	100	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	20	65	30,8	42,1	IPO – Lisboa	1	1	100	
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	329	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais		0		
H S Marcos – Braga	0	120	0,0	0,0	HD Torres Vedras	12	32	37,5	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	205	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	30	31	96,8	20,0
H S João Deus – Famalicão	0	62	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	18	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	132	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	2	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas		0		
HD Bragança	0	58	0,0	0,0	H S João – Porto	0	198	0,0	0,0
HD Mirandela	0	92	0,0	0,0	H G S António – Porto	0	157	0,0	0,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	69	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	0	763	0,0	0,0
CH Cova da Beira	0	41	0,0	0,0	IPO – Porto	0	12	0,0	
H Universidade Coimbra	0	442	0,0	0,0	CH V N Gaia	1	345	0,3	0,0
H Covões (CHC)	0	36	0,0		HP Hispano – Matosinhos	74	149	49,7	46,4
H Pediátrico Coimbra (CHC)	0	125	0,0	0,8	H S Bento – Santo Tirso	1	80	1,3	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	154	0,0	0,0
IPO – Coimbra	0	4	0,0		H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz	0	93	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	3	0,0	0,0	HD Santarém	75	130	57,7	68,0
HD Faro	0	77	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	124	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	142	154	92,2	84,4	H S Bernardo – Setúbal	0	50	0,0	
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	145	0,0	0,9
H Dr S Martins – Guarda	0	46	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	85	130	65,4	47,9
H S André – Leiria	0	39	0,0	0,0	H Montijo		0		
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	231	0,0	18,5
CH Caldas Rainha	0	42	0,0		CH Vila Real / Peso Régua	0	163	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	220	293	75,1	0,0	HD Chaves	0	80	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	54	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	158	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	129	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	0	44	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espir Santo – P Delgada	0	83	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	141	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA 28,1%</b>	<b>Ambulatório 668</b>	<b>Total 7.190</b>	<b>% Amb/Tot 2003 9,3%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 4,2%</b>
--------------	------------------------------------	----------------------------	------------------------	--------------------------------	--------------------------------

**QUADRO VI | Evolução da realização de adenoidectomias em regime de ambulatório (código 28.6 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 53 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	ADENOIDECTOMIA				HOSPITAIS	ADENOIDECTOMIA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	1	89	1,1	0,0	H Curry Cabral (Lx)		0		
H S Sebastião – Feira	35	82	42,7	15,9	H Pulido Valente (Lx)	1	106	0,9	15,9
H S João Madeira	0	39	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)		0		
H N S Ajuda – Espinho		0			H D Estefânia (Lx)	92	241	38,2	58,8
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	9	32	28,1	47,4	IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (Scacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	294	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	29	29	100	100
H S Marcos – Braga	0	103	0,0	0,0	HD Torres Vedras	19	30	63,3	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	74	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	12	14	85,7	91,2
H S João Deus – Famalicão	0	85	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	24	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	50	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	24	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas		0		
HD Bragança	0	21	0,0	0,0	H S João – Porto	0	114	0,0	0,0
HD Mirandela	0	18	0,0	0,0	H G S António – Porto	0	51	0,0	0,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	87	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	0	200	0,0	0,0
CH Cova da Beira	0	17	0,0	0,0	IPO – Porto	0	1	0,0	
H Universidade Coimbra	0	103	0,0	0,0	CH V N Gaia	1	106	0,9	0,0
H Covões (CHC)	0	1	0,0		HP Hispano – Matosinhos	72	91	79,1	63,9
H Pediátrico Coimbra (CHC)	2	41	4,9	0,0	H S Bento – Santo Tirso	0	43	0,0	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	99	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz	0	54	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	52	0,0	0,0	HD Santarém	63	84	75,0	74,5
HD Faro	0	95	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	199	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	19	28	67,9	92,0	H S Bernardo – Setúbal	0	36	0,0	0,0
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	79	0,0	1,5
H Dr S Martins – Guarda	0	57	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	88	104	84,6	85,7
H S André – Leiria	0	18	0,0	0,0	H Montijo		0		
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	137	0,0	17,4
CH Caldas Rainha	35	69	50,7		CH Vila Real / Peso Régua	0	51	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	124	132	93,9	0,0	HD Chaves	0	47	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	16	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	96	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	156	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	0	27	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espír Santo – P Delgada	0	90	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	32	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA 30,2%</b>	<b>Ambulatório 602</b>	<b>Total 3.968</b>	<b>% Amb/Tot 2003 15,2%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 14,3%</b>
--------------	------------------------------------	----------------------------	------------------------	---------------------------------	---------------------------------

**QUADRO VII | Evolução da realização de miringotomias em regime de ambulatório (código 20.01 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 53 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	MIRINGOTOMIA				HOSPITAIS	MIRINGOTOMIA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	142	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)				
H S Sebastião – Feira	27	122	22,1	7,2	H Pulido Valente (Lx)	0	255	0,0	7,8
H S João Madeira	0	60	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)				
H N S Ajuda – Espinho		0			H D Estefânia (Lx)	66	207	31,9	57,0
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)				
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)				
H J J Fernandes – Beja	10	42	23,8	85,7	IPO – Lisboa	2	2	100	
HLitoral Alentejano (Scacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	151	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	35	35	100	100
H S Marcos – Braga	0	3	0,0	0,0	HD Torres Vedras	24	35	68,6	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	116	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	6	6	100	68,9
H S João Deus – Famalicão	0	28	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	17	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos		0		0,0	H J M Grande – Portalegre	0	12	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas				
HD Bragança	0	21	0,0	0,0	H S João – Porto	0	116	0,0	0,0
HD Mirandela	0	102	0,0	0,0	H G S António – Porto	0	36	0,0	0,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto				
H Amato Lusitano – C Branco	0	48	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	15	150	10,0	0,0
CH Cova da Beira	0	22	0,0	0,0	IPO – Porto	0	2	0,0	
H Universidade Coimbra	0	124	0,0	0,0	CH V N Gaia	3	136	2,2	0,0
H Covões (CHC)	0	4	0,0		HP Hispano – Matosinhos	21	49	42,9	37,5
H Pediátrico Coimbra (CHC)	0	9	0,0	0,0	H S Bento – Santo Tirso	1	29	3,4	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	59	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante				
HD Figueira Foz	0	88	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde				
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo				
H Espírito Santo – Évora	0	7	0,0	0,0	HD Santarém	40	49	81,6	76,1
HD Faro	0	79	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	159	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	68	83	81,9	56,3	H S Bernardo – Setúbal	0	45	0,0	0,0
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	119	0,0	0,0
H Dr S Martins – Guarda	0	22	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	34	38	89,5	92,3
H S André – Leiria	0	10	0,0	0,0	H Montijo				
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	21	110	19,1	6,1
CH Caldas Rainha	17	72	23,6		CH Vila Real / Peso Régua	0	139	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	164	181	90,6	0,0	HD Chaves	0	16	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	4	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	95	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	203	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela				
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	0	24	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espir Santo – P Delgada	0	12	0,0	50,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	24	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA 32,1%</b>	<b>Ambulatório 554</b>	<b>Total 3.719</b>	<b>% Amb/Tot 2003 14,9%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 8,5%</b>
--------------	------------------------------------	----------------------------	------------------------	---------------------------------	--------------------------------

**QUADRO VIII | Evolução da realização de laqueações tubares laparoscópicas em regime de ambulatório (código 66.21 a 66.29 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 47 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	LAQUEAÇÃO TUBAR LAPAROSCÓPICA				HOSPITAIS	LAQUEAÇÃO TUBAR LAPAROSCÓPICA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	7	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)	0	2	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	98	110	89,1	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	4	0,0	0,0
H S João Madeira	0	1	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)		0		
H N S Ajuda – Espinho	0	28	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)	129	405	31,9	
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	1	62	1,6	20,0	IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	32	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	14	15	93,3	0,0
H S Marcos – Braga		0			HD Torres Vedras	0	2	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	111	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira		0		100
H S João Deus – Famalicão	0	114	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	23	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	6	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	25	0,0	0,0
H S José – Fafe		0		0,0	H S Luzia – Elvas	0	5	0,0	0,0
HD Bragança	0	42	0,0	0,0	H S João – Porto	105	242	43,4	39,2
HD Mirandela	0	80	0,0	0,0	H G S António – Porto	83	134	61,9	69,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto	76	91	83,5	80,0
H Amato Lusitano – C Branco	0	22	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	38	0,0	42,9	IPO – Porto	0	7	0,0	
H Universidade Coimbra	0	181	0,0	0,0	CH V N Gaia		0		0,0
H Covões (CHC)		0			HP Hispano – Matosinhos	0	12	0,0	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso		0		
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa		0		
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	0	14	0,0	0,0
HD Figueira Foz	0	14	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde		0		86,8
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	8	0,0	0,0	HD Santarém	63	92	68,5	73,9
HD Faro	0	36	0,0	0,0	CH Médio Tejo		0		
HB Algarvio – Portimão	0	49	0,0	0,0	H S Bernardo – Setúbal		0		
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada		0		
H Dr S Martins – Guarda		0			H N S Rosário – Barreiro	0	87	0,0	0,0
H S André – Leiria	0	40	0,0	0,0	H Montijo	0	2	0,0	0,0
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	9	10	90,0	0,0
CH Caldas Rainha	0	86	0,0		CH Vila Real / Peso Régua	20	20	100	6,8
H Santa Maria (Lx)	0	93	0,0	0,0	HD Chaves		0		
H S José (Lx)	0	6	0,0	16,7	H S Teotónio – Viseu	14	54	25,9	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	6	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)	0	105	0,0	1,4	HD Lamego		0		
H Santa Cruz (Lx)	8	8	100	62,5	HD Espír Santo – P Delgada	0	9	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	96	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA 25,5%</b>	<b>Ambulatório 620</b>	<b>Total 2.636</b>	<b>% Amb/Tot 2003 23,5%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 13,1%</b>
--------------	------------------------------------	----------------------------	------------------------	---------------------------------	---------------------------------

**QUADRO IX | Evolução da realização da cirurgia de estrabismo em regime de ambulatório (código 15.01 a 15.9 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 42 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	CIRURGIA DE ESTRABISMO				HOSPITAIS	CIRURGIA DE ESTRABISMO			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	3	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)		0		
H S Sebastião – Feira	1	17	5,9	0,0	H Pulido Valente (Lx)		0		
H S João Madeira	0	4	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	22	39	56,4	31,5
H N S Ajuda – Espinho		0			H D Estefânia (Lx)	27	45	60,0	19,6
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	23	23	100	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)	120	189	63,5	
H J J Fernandes – Beja		0			IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (Scacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	17	0,0	9,6
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais		0		
H S Marcos – Braga	0	9	0,0	0,0	HD Torres Vedras		0		
H S Oliveira – Guimarães	0	26	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira		0		
H S João Deus – Famalicão		0			H Militar Principal (Lx)	0	1	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	3	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre		0		
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas		0		
HD Bragança	0	10	0,0	0,0	H S João – Porto	0	68	0,0	0,0
HD Mirandela	0	2	0,0	0,0	H G S António – Porto	2	314	0,6	0,0
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	2	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	10	61	16,4	60,3
CH Cova da Beira	0	1	0,0	0,0	IPO – Porto		0		
H Universidade Coimbra	2	151	1,3	0,0	CH V N Gaia	18	19	94,7	100
H Covões (CHC)	0	11	0,0		HP Hispano – Matosinhos	30	33	90,9	100
H Pediátrico Coimbra (CHC)	1	37	2,7	3,8	H S Bento – Santo Tirso	4	4	100	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa		0		
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz		0			CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	17	0,0	0,0	HD Santarém		0		
HD Faro	0	10	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	1	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	0	9	0,0	56,3	H S Bernardo – Setúbal	0	13	0,0	0,0
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	19	0,0	13,6
H Dr S Martins – Guarda	0	4	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	4	6	66,7	100
H S André – Leiria	4	21	19,0	0,0	H Montijo		0		
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	11	0,0	0,0
CH Caldas Rainha		0			CH Vila Real / Peso Régua	0	7	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	174	187	93,0	0,0	HD Chaves		0		
H S José (Lx)	0	5	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	36	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	49	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego		0		
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espír Santo – P Delgada	0	4	0,0	50,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	39	0,0	

TOTAL	% Hospitais c/ CA 35,7%	Ambulatório 442	Total 1.527	% Amb/Tot 2003 28,9%	% Amb/Tot 2001 9,5%
-------	----------------------------	--------------------	----------------	-------------------------	------------------------

global foi considerável, quase duplicando o seu número absoluto (Quadro XVIII), mas o aumento proporcional de actos realizados em regime de ambulatório negligenciável. Passou-se de 27,5% de cirurgias realizadas em regime de ambulatório em 2001 para 28,7% em 2003 (Quadro X). Destacam-se os resultados apresentados pelo Hospital Distrital de Santarém (152 cirurgias, com uma expressão de CA perto dos 90%) e o Centro Regional do Porto do IPO (150 cirurgias, e uma expressão de CA a rondar os 70%). Não podemos deixar de salientar hospitais com expressões de CA para este procedimento superiores a 70%, como sejam: Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, Hospital Distrital da Figueira da Foz, Hospital Distrital de Lagos, Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos, Hospital S. Bento, em Santo Tirso, e Hospital Distrital de Lamego.

A hemorroidectomia é outro tipo de intervenção cirúrgica que estabilizou em termos de produção nacional (Quadro XVIII) e em expressão de CA, tendo havido inclusivamente uma ligeira quebra percentual (13,7% em 2001 para 12,6% em 2003). Os avanços registados em alguns hospitais (casos dos Hospitais de S. João e S. António, no Porto, Centro Hospitalar de Póvoa de Varzim / Vila do Conde e Hospital de Santa Cruz, em Lisboa) foram compensados negativamente pelo recuo de alguns programas (Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja, Hospital de S. João de Deus, em Famalicão, Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão, Hospital Curry Cabral, em Lisboa, ou ainda do Hospital Distrital de Santarém) (ver Quadro XI).

A exérese de quisto sacrococcígeo foi um dos procedimentos introduzidos de novo nos nossos inquéritos. Não existe assim a possibilidade de avaliarmos a sua evolução. Contudo, ele é um dos procedimentos mais prevalentes nos programas de CA (28,8%), em especial, quando o hospital tem um programa de CA (quadro XII) e naturalmente o inclui no conjunto de intervenções passíveis de aí serem realizadas. Não será de estranhar, verificar que em 11 hospitais ele tem uma expressão superior a 70% da totalidade de cirurgias realizadas por esses hospitais, sendo inclusivamente efectuado em regime de ambulatório quase exclusivamente no Hospital de S. João de Deus, em Famalicão (94,9%), Centro Hospitalar de Cascais (100%), Hospital Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira (100%), Hospital de Pedro Hispano, em Matosinhos (96,3%) e Hospital S. Bento, em Santo Tirso (96,8%).

A circuncisão é das cirurgias que maior expressão pode ter no âmbito de um programa de CA. O seu crescimento também foi significativo entre 2001 e 2003, passando de 29,9% para 41,1% de cirurgias realizadas em regime de ambulatório (Quadro XIII). A regra tem sido de um crescimento generalizado da prática deste procedimento nos diferentes hospitais, com aumento naqueles que têm já programas de CA em desenvolvimento, assim como o início noutros. Existem porém preocupantes excepções, como sejam os casos existentes nos Hospitais Algarvios do Barlavento, Portimão (74,1% em 2001 para 46,4% em 2003) e Lagos (88,5% em 2001 para 29,3% em 2003),

Hospital de Santo António dos Capuchos, em Lisboa (100% em 2001 para 11,8% em 2003) e Hospital Pediátrico Maria Pia, no Porto (74,5% em 2001 para 42,2% em 2003).

A libertação da contractura de Dupuytren é um dos procedimentos nacionais dos incluídos no Grupo A com menor peso em termos globais. Fizeram-se em 2003 apenas 1.252 cirurgias deste tipo, das quais 266 (21,2%) foram realizadas em regime de ambulatório (Quadro XIV). Estes números não sofreram grande evolução nos últimos dois anos (Quadro XVIII) passando de 18,4% em 2001 para 21,2% em 2003.

A libertação de túnel cárpico é talvez o procedimento com maior tendência para poder ser feito exclusivamente em regime de ambulatório, até porque com alguns cirurgiões se pode fazer sob anestesia local, sem requerer a presença de anestesista. Este tipo de intervenção (Quadro XVIII) teve um crescimento enorme entre 2001 e 2003 (de 4.848 cirurgias em 2001 passaram-se para 7.881 em 2003, isto é um aumento de 62,6%) sem o proporcional aumento que seria de esperar no regime de ambulatório. Apesar de se ter passado de 30,6% para 39,3% esta evolução correspondeu apenas a um aumento de 28,4%. Em 22 hospitais a percentagem de libertações do túnel cárpico realizadas em regime de ambulatório foi superior a 50% (Quadro XV). Destacam-se pela expressão dos seus números absolutos e / ou pela percentagem de actos praticados em regime de ambulatório o Hospital de Santa Maria, em Lisboa (28 cirurgias e uma percentagem de CA de 93,3%), o Hospital Distrital de Santarém (383 cirurgias que representou 98,7% em ambulatório), o Hospital Garcia de Orta, em Almada (177 cirurgias e 84,7%), e o Hospital de S. Teotónio, em Viseu (207 operações e 53,1%).

Orquidectomia / orquidopexia são procedimentos que têm pequeno peso no conjunto dos incluídos no Grupo A. Contudo, a evolução registada entre 2001 e 2003 deveu-se exclusivamente ao aumento de operações deste tipo efectuadas em regime de ambulatório (Quadro XVIII). O número total de operações realizadas em regime de ambulatório duplicou passando a percentagem nacional de 18,0% em 2001 para 29,8% em 2003 (Quadro XVI). Salienta-se o papel desempenhado pelos hospitais pediátricos de Coimbra (82,8%), Porto (51,8%) e Lisboa (46,8%) que representam mais de metade das cirurgias efectuadas em regime de ambulatório.

Nos quadros XVII e XVIII apresentam-se os totais das cirurgias englobadas no Grupo A (Procedimentos seleccionados para CA) para cada um dos 80 Hospitais e por procedimento, respectivamente. Este quadro permite dar a ideia não só da expressão do programa de CA em cada hospital, da evolução registada dentro do mesmo entre 2001 e 2003, como também do potencial de crescimento que aquele programa poderá vir a ter no futuro, já que é este o conjunto de procedimentos que maior impacto tem no programa de CA de um hospital. Significa também que aqueles hospitais que tiverem valores muito elevados (superiores a 70%) só poderão

**QUADRO X | Evolução da realização da cirurgia de estrabismo em regime de ambulatório (código 15.01 a 15.9 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 42 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	NÓDULO DA MAMA				HOSPITAIS	NÓDULO DA MAMA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	18	0,0	5,9	H Curry Cabral (Lx)	0	10	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	9	69	13,0	12,5	H Pulido Valente (Lx)	0	64	0,0	0,0
H S João Madeira	0	18	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	3	58	5,2	80,0
H N S Ajuda – Espinho	1	20	5,0	35,7	H D Estefânia (Lx)	0	9	0,0	0,0
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)	63	63	100	
HD Águeda	7	7	100	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	10	34	29,4	84,6	IPO – Lisboa	0	11	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	1	0,0		H F Fonseca (Amadora)	96	203	47,3	76,4
H S Paulo – Serpa	1	2	50,0	0,0	CH Cascais		0		7,7
H S Marcos – Braga	2	99	2,0	28,6	HD Torres Vedras	1	3	33,3	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	53	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	1	11	9,1	33,3
H S João Deus – Famalicão	24	62	38,7	57,6	H Militar Principal (Lx)	0	11	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	38	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	28	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	26	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	1	12	8,3	0,0
HD Bragança	0	11	0,0	0,0	H S João – Porto	30	164	18,3	27,4
HD Mirandela	0	6	0,0	0,0	H G S António – Porto	16	80	20,0	19,7
H Macedo de Cavaleiros	0	2	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto	0	41	0,0	83,3
H Amato Lusitano – C Branco	0	8	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	14	0,0	100	IPO – Porto	150	208	72,1	
H Universidade Coimbra	32	124	25,8	20,4	CH V N Gaia	4	83	4,8	0,0
H Covões (CHC)	0	1	0,0		HP Hispano – Matosinhos	43	62	69,4	84,1
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	23	26	88,5	82,1
Mat Bissaya-Barreto (CHC)	36	120	30,0		H Vale Sousa	0	41	0,0	0,0
IPO – Coimbra	42	221	19,0		H S Gonçalo – Amarante	15	45	33,3	0,0
HD Figueira Foz	31	39	79,5	46,4	CH Póvoa Varzim / VConde	33	33	100	66,7
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo	0	1	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	96	0,0	0,0	HD Santarém	152	173	87,9	86,1
HD Faro	0	44	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	73	0,0	2,1
HB Algarvio – Portimão	7	20	35,0	11,1	H S Bernardo – Setúbal	0	46	0,0	0,0
HD Lagos	8	10	80,0	54,5	H Garcia Orta – Almada	8	114	7,0	7,7
H Dr S Martins – Guarda	0	15	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	1	50	2,0	5,0
H S André – Leiria	28	56	50,0	71,4	H Montijo	0	21	0,0	0,0
HD Pombal	4	4	100	0,0	CH Alto Minho – V Castelo	1	130	0,8	1,9
CH Caldas Rainha	8	34	23,5		CH Vila Real / Peso Régua	1	26	3,8	7,7
H Santa Maria (Lx)	16	81	19,8	0,0	HD Chaves	0	1	0,0	0,0
H S José (Lx)	18	79	22,8	61,0	H S Teotónio – Viseu	4	34	11,8	25,5
H Egas Moniz (Lx)	0	14	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)	108	195	55,4	25,8	HD Lamego	25	33	75,8	50,0
H Santa Cruz (Lx)	19	31	61,3	63,8	HD Espír Santo – P Delgada	0	20	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	106	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA</b> 56,9%	<b>Ambulatório</b> 1.082	<b>Total</b> 3.766	<b>% Amb/Tot 2003</b> 28,7%	<b>% Amb/Tot 2001</b> 27,5%
--------------	-----------------------------------	-----------------------------	-----------------------	--------------------------------	--------------------------------

**QUADRO XI | Evolução da realização de hemorroidectomia em regime de ambulatório (código 49.46 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 70 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	HEMORROIDECTOMIA				HOSPITAIS	HEMORROIDECTOMIA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	1	33	3,0	4,5	H Curry Cabral (Lx)	0	69	0,0	34,8
H S Sebastião – Feira	17	107	15,9	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	75	0,0	0,0
H S João Madeira	0	18	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	0	71	0,0	10,9
H N S Ajuda – Espinho	1	5	20,0	0,0	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	2	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	9	29	31,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	8	34	23,5	52,8	IPO – Lisboa	0	1	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	13	0,0		H F Fonseca (Amadora)	0	143	0,0	1,4
H S Paulo – Serpa	2	6	33,3	0,0	CH Cascais	12	14	85,7	9,1
H S Marcos – Braga	0	15	0,0	0,0	HD Torres Vedras	0	28	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	26	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	12	32	37,5	37,5
H S João Deus – Famalicão	4	34	11,8	38,5	H Militar Principal (Lx)	0	6	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	26	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	12	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	57	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	10	0,0	0,0
HD Bragança	0	20	0,0	0,0	H S João – Porto	48	158	30,4	17,9
HD Mirandela	0	46	0,0	0,0	H G S António – Porto	55	103	53,4	18,4
H Macedo de Cavaleiros	0	2	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	19	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	21	0,0	0,0	IPO – Porto	0	1	0,0	
H Universidade Coimbra	5	100	5,0	27,4	CH V N Gaia	1	33	3,0	0,0
H Covões (CHC)	0	9	0,0		HP Hispano – Matosinhos	4	69	5,8	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	0	7	0,0	31,3
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	47	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	7	74	9,5	0,0
HD Figueira Foz	0	15	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde	38	65	58,5	34,3
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo	0	13	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	23	0,0	0,0	HD Santarém	10	47	21,3	81,6
HD Faro	0	21	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	59	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	17	37	45,9	64,7	H S Bernardo – Setúbal	0	29	0,0	0,0
HD Lagos	14	35	40,0	0,0	H Garcia Orta – Almada	0	47	0,0	0,0
H Dr S Martins – Guarda	0	18	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	29	0,0	0,0
H S André – Leiria	4	13	30,8	19,4	H Montijo	0	30	0,0	0,0
HD Pombal	0	7	0,0	0,0	CH Alto Minho – V Castelo	0	54	0,0	0,0
CH Caldas Rainha	8	15	53,3		CH Vila Real / Peso Régua	0	28	0,0	6,3
H Santa Maria (Lx)	1	45	2,2	0,0	HD Chaves	0	18	0,0	0,0
H S José (Lx)	1	73	1,4	1,5	H S Teotónio – Viseu	0	26	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	18	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	14	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)	0	30	0,0	0,0	HD Lamego	2	12	16,7	33,3
H Santa Cruz (Lx)	32	47	68,1	50,0	HD Espir Santo – P Delgada	0	6	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	34	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 35,7%</b>	<b>Ambulatório 313</b>	<b>Total 2.483</b>	<b>% Amb/Tot 2003 12,6%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 13,7%</b>			



**QUADRO XII | Expressão da realização de exérese de quisto sacrococcígeo em regime de ambulatório (código 86.21 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 73 hospitais nacionais incluídos em 2003**

HOSPITAIS	QUISTO SACROCOCÍGEO				HOSPITAIS	QUISTO SACROCOCÍGEO			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	1	55	1,8		H Curry Cabral (Lx)	0	65	0,0	
H S Sebastião – Feira	60	163	36,8		H Pulido Valente (Lx)	0	43	0,0	
H S João Madeira	0	46	0,0		H S António Capuchos (Lx)	0	29	0,0	
H N S Ajuda – Espinho	0	27	0,0		H D Estefânia (Lx)	0	1	0,0	
H Visconde Salreu – Estarreja	0	12	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	14	0,0		Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	38	55	69,1		IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	9	0,0		H F Fonseca (Amadora)	0	199	0,0	
H S Paulo – Serpa	8	10	80,0		CH Cascais	57	57	100	
H S Marcos – Braga	2	219	0,9		HD Torres Vedras	0	41	0,0	
H S Oliveira – Guimarães	0	107	0,0		H R Santos – V F Xira	37	37	100	
H S João Deus – Famalicão	94	99	94,9		H Militar Principal (Lx)	0	41	0,0	
H S Maria Maior – Barcelos	0	73	0,0		H J M Grande – Portalegre	0	21	0,0	
H S José – Fafe	0	78	0,0		H S Luzia – Elvas	0	22	0,0	
HD Bragança	0	40	0,0		H S João – Porto	136	214	63,6	
HD Mirandela	0	39	0,0		H G S António – Porto	175	197	88,8	
H Macedo de Cavaleiros	0	13	0,0		Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	42	0,0		H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	54	0,0		IPO – Porto	0	20	0,0	
H Universidade Coimbra	77	156	49,4		CH V N Gaia	10	47	21,3	
H Covões (CHC)	0	29	0,0		HP Hispano – Matosinhos	104	108	96,3	
H Pediátrico Coimbra (CHC)	1	1	100		H S Bento – Santo Tirso	92	95	96,8	
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	109	0,0	
IPO – Coimbra	1	2	50,0		H S Gonçalo – Amarante	40	70	57,1	
HD Figueira Foz	1	46	2,2		CH Póvoa Varzim / VConde	99	111	89,2	
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	17	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	87	0,0	
H Espírito Santo – Évora	0	46	0,0		HD Santarém	126	142	88,7	
HD Faro	0	25	0,0		CH Médio Tejo	0	149	0,0	
HB Algarvio – Portimão	28	57	49,1		H S Bernardo – Setúbal	0	44	0,0	
HD Lagos	11	47	23,4		H Garcia Orta – Almada	127	213	59,6	
H Dr S Martins – Guarda	0	48	0,0		H N S Rosário – Barreiro	0	54	0,0	
H S André – Leiria	37	64	57,8		H Montijo	0	50	0,0	
HD Pombal	0	31	0,0		CH Alto Minho – V Castelo	1	276	0,4	
CH Caldas Rainha	16	28	57,1		CH Vila Real / Peso Régua	10	95	10,5	
H Santa Maria (Lx)	2	81	2,5		HD Chaves	0	32	0,0	
H S José (Lx)	20	93	21,5		H S Teotónio – Viseu	17	120	14,2	
H Egas Moniz (Lx)	0	38	0,0		H C Figueiredo – Tondela	0	107	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)	4	63	6,3		HD Lamego	11	28	39,3	
H Santa Cruz (Lx)	17	20	85,0		HD Espír Santo – P Delgada	0	50	0,0	
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	43	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 45,2%</b>			<b>Ambulatório 1.460</b>		<b>Total 5.064</b>		<b>% Amb/Tot 2003 28,8%</b>

**QUADRO XIII | Evolução da realização da circuncisão em regime de ambulatório (código 64.0 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 75 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	CIRCUNCISÃO				HOSPITAIS	CIRCUNCISÃO			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	11	80	13,8	8,2	H Curry Cabral (Lx)	33	47	70,2	22,9
H S Sebastião – Feira	40	105	38,1	35,4	H Pulido Valente (Lx)	4	17	23,5	52,6
H S João Madeira	0	58	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	6	51	11,8	100
H N S Ajuda – Espinho	16	26	61,5	3,2	H D Estefânia (Lx)	61	107	57,0	35,1
H Visconde Salreu – Estarreja	12	27	44,4		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	43	45	95,6	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	32	36	88,9	53,8	IPO – Lisboa	1	1	100	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	8	0,0		H F Fonseca (Amadora)	28	174	16,1	0,0
H S Paulo – Serpa	3	3	100	0,0	CH Cascais	69	69	100	91,2
H S Marcos – Braga	0	27	0,0	0,0	HD Torres Vedras	85	116	73,3	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	80	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	38	38	100	86,5
H S João Deus – Famalicão	56	79	70,9	28,6	H Militar Principal (Lx)	0	30	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	19	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	7	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	23	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	3	12	25,0	0,0
HD Bragança	0	40	0,0	0,0	H S João – Porto	62	137	45,3	36,4
HD Mirandela	0	56	0,0	0,0	H G S António – Porto	54	82	65,9	69,0
H Macedo de Cavaleiros	0	10	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	69	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	86	204	42,2	74,5
CH Cova da Beira	0	92	0,0	0,0	IPO – Porto	0	12	0,0	
H Universidade Coimbra	10	50	20,0	29,0	CH V N Gaia	64	99	64,6	0,0
H Covões (CHC)	0	30	0,0		HP Hispano – Matosinhos	84	89	94,4	95,7
H Pediátrico Coimbra (CHC)	74	81	91,4	87,0	H S Bento – Santo Tirso	36	40	90,0	94,3
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	83	0,0	0,0
IPO – Coimbra	5	8	62,5		H S Gonçalo – Amarante	26	41	63,4	0,0
HD Figueira Foz	20	90	22,2	34,6	CH Póvoa Varzim / VConde	74	85	87,1	87,5
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	18	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	8	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	26	0,0	0,0	HD Santarém	103	112	92,0	83,2
HD Faro	0	64	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	84	0,0	26,5
HB Algarvio – Portimão	39	84	46,4	74,1	H S Bernardo – Setúbal	0	67	0,0	0,0
HD Lagos	12	41	29,3	88,5	H Garcia Orta – Almada	33	51	64,7	74,3
H Dr S Martins – Guarda	0	45	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	6	24	25,0	8,7
H S André – Leiria	39	67	58,2	39,1	H Montijo	0	2	0,0	0,0
HD Pombal	29	29	100	100	CH Alto Minho – V Castelo	2	95	2,1	2,4
CH Caldas Rainha	36	40	90,0		CH Vila Real / Peso Régua	35	110	31,8	19,5
H Santa Maria (Lx)	202	248	81,5	0,0	HD Chaves	0	23	0,0	0,0
H S José (Lx)	12	27	44,4	64,7	H S Teotónio – Viseu	6	60	10,0	32,4
H Egas Moniz (Lx)	2	34	5,9	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	14	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)	20	28	71,4	35,7	HD Lamego	11	19	57,9	55,6
H Santa Cruz (Lx)	7	7	100	100	HD Espir Santo – P Delgada	0	40	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	57	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA</b>	<b>Ambulatório</b>	<b>Total</b>	<b>% Amb/Tot 2003</b>	<b>% Amb/Tot 2001</b>			
		<b>62,7%</b>	<b>1.730</b>	<b>4.207</b>	<b>41,1%</b>	<b>29,9%</b>			

**QUADRO XIV | Evolução da realização da libertação da contractura de Dupuytren em regime de ambulatório (código 82.35 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 64 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	DUPUYTREN				HOSPITAIS	DUPUYTREN			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	2	29	6,9	13,6	H Curry Cabral (Lx)	3	26	11,5	100
H S Sebastião – Feira	1	31	3,2	0,0	H Pulido Valente (Lx)		0		0,0
H S João Madeira	0	8	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)		0		100
H N S Ajuda – Espinho	10	10	100	86,7	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	2	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	78	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja		0			IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	38	87	43,7	14,3
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	2	2	100	0,0
H S Marcos – Braga	3	28	10,7	11,1	HD Torres Vedras	0	2	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	18	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	4	4	100	100
H S João Deus – Fimalicão	0	14	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	9	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	10	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre		0		
H S José – Fafe	0	18	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	5	0,0	0,0
HD Bragança	0	13	0,0	0,0	H S João – Porto	5	29	17,2	13,3
HD Mirandela		0			H G S António – Porto	1	20	5,0	0,0
H Macedo de Cavaleiros	0	24	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	11	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	16	0,0	0,0	IPO – Porto	0	2	0,0	
H Universidade Coimbra	0	76	0,0	0,0	CH V N Gaia	0	26	0,0	0,0
H Covões (CHC)		0			HP Hispano – Matosinhos	0	14	0,0	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	13	18	72,2	38,1
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	22	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	0	28	0,0	0,0
HD Figueira Foz	2	41	4,9	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde	20	36	55,6	16,7
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	3	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	3	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	2	0,0	0,0	HD Santarém	30	34	88,2	97,5
HD Faro	0	10	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	15	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	0	2	0,0	0,0	H S Bernardo – Setúbal	0	4	0,0	0,0
HD Lagos	0	8	0,0	0,0	H Garcia Orta – Almada	13	27	48,1	89,5
H Dr S Martins – Guarda	0	15	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	19	37	51,4	35,7
H S André – Leiria	1	17	5,9	0,0	H Montijo		0		
HD Pombal	3	3	100	25,0	CH Alto Minho – V Castelo	2	28	7,1	0,0
CH Caldas Rainha	0	4	0,0		CH Vila Real / Peso Régua	0	47	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	28	30	93,3	0,0	HD Chaves	0	16	0,0	0,0
H S José (Lx)	48	82	58,5	75,0	H S Teotónio – Viseu	4	49	8,2	0,0
H Egas Moniz (Lx)	9	18	50,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	16	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	2	8	25,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)	3	3	100	0,0	HD Espir Santo – P Delgada	0	9	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	5	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 46,9%</b>	<b>Ambulatório 266</b>	<b>Total 1.252</b>	<b>% Amb/Tot 2003 21,2%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 18,4%</b>			

**QUADRO XV | Evolução da realização da libertação do túnel cárpico em regime de ambulatório (código 04.43 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 64 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	TÚNEL CÁRPICO				HOSPITAIS	TÚNEL CÁRPICO			
	AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	135	197	68,5	0,4	H Curry Cabral (Lx)	75	118	63,6	100
H S Sebastião – Feira	193	312	61,9	63,7	H Pulido Valente (Lx)	2	3	66,7	33,3
H S João Madeira	0	196	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	108	155	69,7	100
H N S Ajuda – Espinho	73	82	89,0	67,5	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	16	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	105	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	29	30	96,7	100	IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	137	385	35,6	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	8	8	100	66,7
H S Marcos – Braga	145	201	72,1	47,4	HD Torres Vedras	0	90	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	284	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	8	41	19,5	55,9
H S João Deus – Famalicão	38	102	37,3	15,9	H Militar Principal (Lx)	0	14	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	96	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	17	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	126	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	12	0,0	0,0
HD Bragança	0	35	0,0	0,0	H S João – Porto	124	211	58,8	26,7
HD Mirandela		0			H G S António – Porto	108	183	59,0	64,1
H Macedo de Cavaleiros	0	65	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	53	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	54	0,0	0,0	IPO – Porto	0	9	0,0	
H Universidade Coimbra	0	27	0,0	0,5	CH V N Gaia	16	144	11,1	0,0
H Covões (CHC)	0	216	0,0		HP Hispano – Matosinhos	3	168	1,8	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	108	180	60,0	56,8
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	112	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	0	192	0,0	0,0
HD Figueira Foz	66	121	54,5	28,3	CH Póvoa Varzim / VConde	99	152	65,1	54,3
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	27	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	88	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	36	0,0	0,0	HD Santarém	383	388	98,7	100
HD Faro	0	41	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	146	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	4	35	11,4	6,9	H S Bernardo – Setúbal	0	1	0,0	0,0
HD Lagos		0		75,0	H Garcia Orta – Almada	177	209	84,7	92,8
H Dr S Martins – Guarda	0	102	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	35	97	36,1	20,4
H S André – Leiria	185	216	85,6	0,0	H Montijo	0	8	0,0	0,0
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	4	184	2,2	0,0
CH Caldas Rainha	27	73	37,0		CH Vila Real / Peso Régua	3	168	1,8	0,0
H Santa Maria (Lx)	175	212	82,5	0,0	HD Chaves	0	40	0,0	0,0
H S José (Lx)	316	449	70,4	72,1	H S Teotónio – Viseu	207	390	53,1	21,6
H Egas Moniz (Lx)	80	146	54,8	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	122	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	2	19	10,5	66,7
H Santa Cruz (Lx)	23	24	95,8	97,0	HD Espir Santo – P Delgada	0	50	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	98	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 51,6%</b>	<b>Ambulatório 3.096</b>		<b>Total 7.881</b>	<b>% Amb/Tot 2003 39,3%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 30,6%</b>		

**QUADRO XVI | Evolução da realização de orquidectomias e orquidopexias em regime de ambulatório (códigos 62.3 a 62.5 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 62 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	ORQUIDECTOMIAS E ORQUIDOPEXIAS				HOSPITAIS	ORQUIDECTOMIAS E ORQUIDOPEXIAS			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	18	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)	0	22	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	1	15	6,7	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	6	0,0	0,0
H S João Madeira	0	2	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	0	19	0,0	0,0
H N S Ajuda – Espinho	0	3	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)	51	109	46,8	16,8
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	16	16	100	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja		0		23,1	IPO – Lisboa	0	10	0,0	
HLitoral Alentejano (Scacém)	0	2	0,0		H F Fonseca (Amadora)	10	127	7,9	1,8
H S Paulo – Serpa	1	3	33,3	0,0	CH Cascais	2	2	100	25,0
H S Marcos – Braga	0	14	0,0	0,0	HD Torres Vedras	18	77	23,4	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	14	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira		0		
H S João Deus – Famalicão	0	5	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	11	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos		0			H J M Grande – Portalegre	0	10	0,0	0,0
H S José – Fafe		0			H S Luzia – Elvas	0	1	0,0	0,0
HD Bragança	0	7	0,0	0,0	H S João – Porto	13	109	11,9	10,6
HD Mirandela	0	9	0,0	0,0	H G S António – Porto	17	36	47,2	24,3
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – Cbranco	0	4	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto	142	274	51,8	64,9
CH Cova da Beira	0	33	0,0	0,0	IPO – Porto	0	14	0,0	
H Universidade Coimbra	0	59	0,0	0,0	CH V N Gaia	9	26	34,6	0,0
H Covões (CHC)	0	11	0,0		HP Hispano – Matosinhos	18	31	58,1	58,1
H Pediátrico Coimbra (CHC)	116	134	86,6	82,8	H S Bento – Santo Tirso		0		
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	16	0,0	0,0
IPO – Coimbra	1	15	6,7		H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz	0	10	0,0	10,0	CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	33	0,0	0,0	HD Santarém	39	59	66,1	14,3
HD Faro	0	43	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	31	0,0	18,8
HB Algarvio – Portimão	0	8	0,0	44,4	H S Bernardo – Setúbal	0	23	0,0	0,0
HD Lagos	0	3	0,0	0,0	H Garcia Orta – Almada	40	68	58,8	86,0
H Dr S Martins – Guarda	0	12	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	10	0,0	0,0
H S André – Leiria	9	27	33,3	12,5	H Montijo		0		
HD Pombal	2	2	100	100	CH Alto Minho – V Castelo	0	20	0,0	0,0
CH Caldas Rainha	4	10	40,0		CH Vila Real / Peso Régua	0	21	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	69	116	59,5	0,0	HD Chaves	0	3	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	7	0,0	27,3	H S Teotónio – Viseu	0	83	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	14	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	3	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	0	1	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)	2	4	50,0	0,0	HD Espír Santo – P Delgada	0	28	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	46	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 33,9%</b>	<b>Ambulatório 580</b>	<b>Total 1.949</b>	<b>% Amb/Tot 2003 29,8%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 18,0%</b>			

**QUADRO XVII | Evolução das intervenções cirúrgicas do GRUPO A (procedimentos seleccionados para cirurgia ambulatória) realizadas em regime de ambulatório nos 80 hospitais nacionais incluídos entre 2001 e 2003**

HOSPITAIS	GRUPO A				HOSPITAIS	GRUPO A			
	AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	628	2193	28,6	6,3	H Curry Cabral (Lx)	128	1449	8,8	24,8
H S Sebastião – Feira	1448	4355	33,2	20,5	H Pulido Valente (Lx)	10	1385	0,7	6,6
H S João Madeira	0	1484	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	452	2555	17,7	36,4
H N S Ajuda – Espinho	101	492	20,5	9,1	H D Estefânia (Lx)	432	1037	41,7	35,0
H Visconde Salreu – Estarreja	12	186	6,5		Mat Alfredo Costa (Lx)	815	1091	74,7	
HD Águeda	100	1196	8,4	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)	125	1763	7,1	
H J J Fernandes – Beja	467	1292	36,1	15,9	IPO – Lisboa	4	34	11,8	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	139	0,0		H F Fonseca (Amadora)	435	4832	9,0	3,9
H S Paulo – Serpa	49	102	48,0	0,0	CH Cascais	709	776	91,4	20,2
H S Marcos – Braga	152	1314	11,6	14,9	HD Torres Vedras	166	1157	14,3	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	2669	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	252	995	25,3	50,1
H S João Deus – Famalicão	264	1400	18,9	9,4	H Militar Principal (Lx)	0	922	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	949	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	690	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	561	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	10	437	2,3	0,0
HD Bragança	0	1122	0,0	0,0	H S João – Porto	807	5563	14,5	13,6
HD Mirandela	0	1086	0,0	0,0	H G S António – Porto	2674	4617	57,9	44,1
H Macedo de Cavaleiros	0	369	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto	134	662	20,2	15,3
H Amato Lusitano – C Branco	0	1497	0,0	0,6	H Ped Maria Pia – Porto	517	2248	23,0	11,6
CH Cova da Beira	0	1030	0,0	3,8	IPO – Porto	269	677	39,7	
H Universidade Coimbra	2771	6686	41,4	37,6	CH V N Gaia	1234	3418	36,1	25,6
H Covões (CHC)	0	1351	0,0		HP Hispano – Matosinhos	703	2269	31,0	29,1
H Pediátrico Coimbra (CHC)	440	866	50,8	46,0	H S Bento – Santo Tirso	450	1025	43,9	16,5
Mat Bissaya-Barreto (CHC)	740	967	76,5		H Vale Sousa	0	1707	0,0	0,0
IPO – Coimbra	50	284	17,6		H S Gonçalo – Amarante	159	996	16,0	0,0
HD Figueira Foz	307	1665	18,4	6,7	CH Póvoa Varzim / VConde	604	1489	40,6	39,2
H J Crisóstomo – Cantanhede	0	236	0,0		H N S Conceição – Valongo	0	370	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	237	1244	19,1	0,0	HD Santarém	1364	2695	50,6	60,8
HD Faro	0	1466	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	2719	0,0	2,1
HB Algarvio – Portimão	792	1721	46,0	50,3	H S Bernardo – Setúbal	0	1133	0,0	0,0
HD Lagos	73	492	14,8	18,6	H Garcia Orta – Almada	533	2224	24,0	16,5
H Dr S Martins – Guarda	0	1269	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	277	1493	18,6	12,6
H S André – Leiria	1272	2477	51,4	43,7	H Montijo	0	415	0,0	0,0
HD Pombal	79	356	22,2	22,2	CH Alto Minho – V Castelo	87	3056	2,8	1,4
CH Caldas Rainha	249	895	27,8		CH Vila Real / Peso Régua	313	2010	15,6	8,2
H Santa Maria (Lx)	1962	3889	50,4	0,0	HD Chaves	0	985	0,0	0,0
H S José (Lx)	745	3221	23,1	20,1	H S Teotónio – Viseu	403	3259	12,4	4,9
H Egas Moniz (Lx)	310	2240	13,8	0,0	H C Figueiredo – Tondela	1	628	0,2	
H S Francisco Xavier (Lx)	274	1040	26,3	11,5	HD Lamego	76	523	14,5	15,0
H Santa Cruz (Lx)	190	328	57,9	56,1	HD Espír Santo – P Delgada	0	1507	0,0	0,9
H Santa Marta (Lx)	0	921	0,0	0,0	CH Funchal	0	1845	0,0	
<b>TOTAL</b>		<b>% Hospitais c/ CA 68,7%</b>	<b>Ambulatório 27.855</b>		<b>Total 125.706</b>	<b>% Amb/Tot 2003 22,2%</b>	<b>% Amb/Tot 2001 15,7%</b>		

**QUADRO XVIII | Totais das intervenções cirúrgicas englobadas no GRUPO A (Procedimentos seleccionados para cirurgia ambulatória), realizadas em 2003 e 2001, por regime cirúrgico (ambulatório versus internamento), nos 80 Hospitais abrangidos pelo estudo**

PROCEDIMENTOS GRUPO A	2001				2003			
	AMBULATÓRIO	INTERNAMENTO	TOTAL	% AMB / TOTAL	AMBULATÓRIO	INTERNAMENTO	TOTAL	% AMB / TOTAL
Artroscopia joelho	29	2441	2470	1,2	60	3044	3104	1,9
Excisão cartilagem semilunar joelho	18	1058	1076	1,7	29	1569	1598	1,8
Extracção cirúrgica dente NCOP	166	770	936	17,7	426	526	952	44,7
Operação no cristalino (catarata)	5671	13509	19180	29,6	8476	18646	27122	31,3
Reparação de hérnia inguinal	1517	14708	16225	9,3	2510	14342	16852	14,9
Reparação de hérnia femoral	61	729	790	7,7	69	1042	1111	6,2
Reparação de hérnia umbilical	313	2552	2865	10,9	539	2805	3344	16,1
Reparação de outro tipo de hérnia	70	1032	1102	6,4	134	574	708	18,9
Dilatação e curetagem do útero, NCOP	524	4047	4571	11,5	2623	4908	7531	34,8
Laqueação e stripping de veias varicosas	754	7915	8669	8,7	1274	8300	9574	13,3
Amigdalectomia c/ ou s/ adenoidectomia	230	5205	5435	4,2	668	6522	7190	9,3
Adenoidectomia sem amigdalectomia	428	2560	2988	14,3	602	3366	3968	15,2
Miringotomia com inserção de tubo	229	2460	2689	8,5	554	3165	3719	14,9
Laqueação tubar laparoscópica	321	2127	2448	13,1	620	2016	2636	23,5
Cirurgia estrabismo	152	1442	1594	9,5	442	1085	1527	28,9
Rinoplastia	22	1770	1792	1,2	42	2618	2660	1,6
Excisão local de lesão da mama	606	1595	2201	27,5	1082	2684	3766	28,7
Hemorroidectomia	307	1937	2244	13,7	313	2170	2483	12,6
Exérese de quisto sacrococcígeo					1460	3604	5064	28,8
Circuncisão	966	2261	3227	29,9	1730	2477	4207	41,1
Libertação contractura Dupuytren	209	924	1133	18,4	266	986	1252	21,2
Libertação do túnel cárpico	1485	3363	4848	30,6	3096	4785	7881	39,3
Orquidectomia e orquidopexia	295	1343	1638	18,0	580	1369	1949	29,8
Extracção material osteossíntese	157	2307	2464	6,4	260	5248	5508	4,7
<b>TOTAL</b>	<b>14530</b>	<b>78055</b>	<b>92585</b>	<b>15,7</b>	<b>27855</b>	<b>97851</b>	<b>125706</b>	<b>22,2</b>

crescer no futuro à custa da inclusão de novas intervenções cirúrgicas nos seus programas. Destacam-se assim todos os hospitais cujas percentagens de CA para este conjunto de procedimentos ultrapassa os 50%: Centro Hospitalar de Cascais (91,4%), Maternidade Bissaya-Barreto, em Coimbra (76,5%), Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa (74,7%), Hospital Geral de Santo António, no Porto (57,92%), Hospital de Santa Cruz, em Lisboa (57,9%), Hospital de Santo André, Leiria (51,4%), Hospital Pediátrico de Coimbra (50,8%), Hospital Distrital de Santarém (50,6%) e Hospital de Santa Maria, em Lisboa (50,4%). Salientam-se ainda aqueles que tiveram

crescimentos muito significativos (superiores a 10%) como foram os Hospitais de: Aveiro, Feira, Espinho, Beja, Serpa, Figueira da Foz, Egas Moniz e S. Francisco Xavier, em Lisboa, Torres Vedras, Hospital Pediátrico Maria Pia, no Porto, Centro Regional do Porto do IPO, Amarante, Almada e Vila Real.

Dos 7 códigos cirúrgicos incluídos no Grupo B sob a designação **“Procedimentos não universalmente realizados em regime de ambulatório. Procedimentos de Internamento”**, optou-se por se apresentarem apenas os resultados de 4, já que para dois dos restantes, prostatectomia transuretral induzida por laser

(código 60.21 do ICD9-CM) e histerectomia vaginal (códigos 68.5 e 68.7 do ICD9-CM), não se encontraram quaisquer doentes submetidos à referida intervenção em regime de ambulatório, enquanto para outro, biópsia, excisão ou destruição transuretral da bexiga (códigos 57.33 e 57.4) dos 53 casos registados em regime de ambulatório (percentagem nacional de 2,0%) 49 foram realizadas no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Nestes 4 quadros pode confirmar-se a insignificância em termos nacionais que cada uma destas cirurgias tem no domínio da CA. A lobectomia da tiróide (Quadro XIX), pela primeira vez incluída nos nossos inquéritos nacionais, foi realizada em regime de ambulatório em 4,1% do total de cirurgias programadas, e apenas em 5 hospitais: Hospital Geral de Santo António, no Porto (48 cirurgias, que corresponderam a 81,4% do total de cirurgias efectuadas), Hospital de S. João, no Porto (18 cirurgias – 15,1%), Hospital de Santa Cruz, em Lisboa (4 cirurgias – 18,2%), Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos (4 cirurgias – 7,7%), e Centro Hospitalar de Cascais (1 cirurgia – 14,3%).

A colecistectomia laparoscópica (Quadro XX), apresentou uma percentagem nacional de 1,2% (duplicou o valor de 2001) que correspondeu a 86 intervenções cirúrgicas. Curiosamente, continuam somente a praticar esta intervenção em regime de ambulatório os mesmos 4 hospitais que já o faziam em 2001: Centro Hospitalar de Cascais (35 cirurgias, que corresponderam a 81,4% do total de cirurgias efectuadas), Hospital Geral de Santo António, no Porto (21 cirurgias – 7,2%), Hospital de Santa Cruz, em Lisboa (17 cirurgias – 100%), e Hospital de S. João, no Porto (13 cirurgias – 2,9%).

A excisão ou destruição de disco intravertebral (Quadro XXI), mantém níveis insignificantes com uma média nacional em regime de ambulatório de 0,8% (cerca de metade do valor de 2001). A prática deste tipo de cirurgia encontra-se ainda muito limitada a 3 hospitais: Hospital Geral de Santo António, no Porto (14 cirurgias, que corresponderam a 8,0% do total de cirurgias efectuadas), Hospital de S. João, no Porto (5 cirurgias – 4,3%) e Centro Hospitalar de V. N. Gaia (2 cirurgias – 1,8%). A mastectomia (Quadro XXII) foi realizada em regime de ambulatório num maior número de doentes do que em 2001 apesar de ter resultado numa menor percentagem global: 34 doentes (1,1%) em 2003 contra 23 doentes (1,5%) em 2001. Esta situação deve-se, contudo, à prática realizada pelo Centro Regional do Porto do IPO que tem quase a exclusividade dos doentes operados (30 doentes).

No Quadro XXIII procura dar-se uma perspectiva multidisciplinar dos diferentes programas de CA, em especial nos hospitais em que estes se encontram bem estruturados, através da identificação dos procedimentos cirúrgicos que melhor poderão representar diferentes especialidades cirúrgicas: a catarata para a oftalmologia, a hérnia inguinal para a cirurgia geral, as varizes para a cirurgia vascular, a adenoidectomia para a otorrinolaringologia, a circuncisão para a urologia, e o túnel cárpico para a ortopedia. Assim, é possível confirmar a ideia de que apesar

da evolução positiva registada na maioria dos hospitais, estes programas de CA podem ser claramente optimizados, mostrando haver uma grande margem para progressão. Vejamos alguns exemplos: a) Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão, onde apesar de 50,8% do total de cirurgias programadas serem efectuadas em regime de ambulatório e de valores expressivos para 5 dos 7 procedimentos escolhidos, existem 2 procedimentos que não são devidamente aproveitados (túnel cárpico e laqueação tubar laparoscópica); b) Hospital de Santo André, em Leiria, onde apesar dos 36,7% de procedimentos realizados em regime de ambulatório e onde mais uma vez 5 dos 7 procedimentos apresentam valores percentuais importantes em comparação com as médias nacionais, 2 tipos de cirurgia não são de todo praticados no regime de ambulatório (adenoidectomia e laqueação tubar laparoscópica) apesar de o serem em regime de internamento no hospital; c) Hospital Geral de Santo António, no Porto, em que tal como nos exemplos anteriores, existe um procedimento que não é praticado de todo (adenoidectomia); d) finalmente, outro programa com créditos reconhecidos no âmbito da CA, como é o caso do Hospital Distrital de Santarém, que apresenta um valor percentual de 46,9%, e tem 2 procedimentos quase negligenciados no regime de ambulatório (cirurgia de catarata e laqueação tubar laparoscópica). Em oposição, gostaríamos de destacar o trabalho equilibrado de um programa multidisciplinar de CA, onde todos os procedimentos incluídos apresentam valores muito acima das respectivas médias nacionais, comparando-se inclusivamente com valores internacionais, como acontece no programa do Hospital de Santa Cruz, em Lisboa, apesar da sua percentagem global de CA ainda ser relativamente baixa em comparação com os casos anteriores (20,9%).

Finalmente, no Quadro XXIV faz-se uma comparação internacional, onde se pode observar alguma aproximação dos nossos valores a outros países europeus, designadamente a França ou a Itália. Mas se, observarmos os números dos países nórdicos, da América do Norte ou mesmo da Austrália, verificamos o longo percurso que ainda podemos e devemos percorrer. Se tomarmos em consideração, os três procedimentos mais realizados em Portugal dos incluídos na lista do Grupo A, catarata (27.122 cirurgias realizadas durante 2003), hérnia inguinal (16.852 cirurgias em 2003), e varizes (9.574 cirurgias em 2003), que representam no seu conjunto 42,6% de total de cirurgias efectuadas, as percentagens de cirurgia em regime de ambulatório são de 31,3%, 14,9% e 13,3%, respectivamente. Do quadro XXIV verificamos contudo, que qualquer um destes valores se encontra muito aquém daqueles apresentados pelos restantes 14 países, registando-se um valor superior a 85% de cataratas realizadas em regime de ambulatório em 10 dos 14, um valor superior a 30% de hérnias inguinais realizadas em regime de ambulatório em 9 dos 14, e um valor superior a 50% de varizes realizadas em regime de ambulatório em 9 dos 14. Será assim lógico exigir que muito em breve possamos ter valores semelhantes no nosso SNS.



**QUADRO XIX | Expressão da realização de lobectomia da tiróide em regime de ambulatório (código 06.2 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 66 hospitais nacionais incluídos em 2003**

HOSPITAIS	LOBECTOMIA DA TIRÓIDE				HOSPITAIS	LOBECTOMIA DA TIRÓIDE			
	AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	21	0,0		H Curry Cabral (Lx)	0	78	0,0	
H S Sebastião – Feira	0	50	0,0		H Pulido Valente (Lx)	0	20	0,0	
H S João Madeira	0	3	0,0		H S António Capuchos (Lx)	0	21	0,0	
H N S Ajuda – Espinho	0	5	0,0		H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	5	0,0		Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda	0	10	0,0		Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	0	6	0,0		IPO – Lisboa	0	51	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	15	0,0	
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	1	7	14,3	
H S Marcos – Braga	0	44	0,0		HD Torres Vedras		0		
H S Oliveira – Guimarães	0	66	0,0		H R Santos – V F Xira	0	4	0,0	
H S João Deus – Famalicão	0	22	0,0		H Militar Principal (Lx)	0	29	0,0	
H S Maria Maior – Barcelos	0	33	0,0		H J M Grande – Portalegre	0	15	0,0	
H S José – Fafe	0	27	0,0		H S Luzia – Elvas	0	2	0,0	
HD Bragança	0	12	0,0		H S João – Porto	18	119	15,1	
HD Mirandela	0	4	0,0		H G S António – Porto	48	59	81,4	
H Macedo de Cavaleiros	0	1	0,0		Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	4	0,0		H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	13	0,0		IPO – Porto	0	99	0,0	
H Universidade Coimbra	0	168	0,0		CH V N Gaia		0		
H Covões (CHC)	0	35	0,0		HP Hispano – Matosinhos	4	52	7,7	
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	0	16	0,0	
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	72	0,0	
IPO – Coimbra	0	41	0,0		H S Gonçalo – Amarante	0	25	0,0	
HD Figueira Foz	0	12	0,0		CH Póvoa Varzim / VConde	0	32	0,0	
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo	0	6	0,0	
H Espírito Santo – Évora	0	1	0,0		HD Santarém	0	12	0,0	
HD Faro	0	13	0,0		CH Médio Tejo	0	18	0,0	
HB Algarvio – Portimão	0	23	0,0		H S Bernardo – Setúbal	0	1	0,0	
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	32	0,0	
H Dr S Martins – Guarda	0	6	0,0		H N S Rosário – Barreiro	0	11	0,0	
H S André – Leiria	0	31	0,0		H Montijo	0	2	0,0	
HD Pombal	0	2	0,0		CH Alto Minho – V Castelo	0	46	0,0	
CH Caldas Rainha	0	12	0,0		CH Vila Real / Peso Régua		0		
H Santa Maria (Lx)	0	56	0,0		HD Chaves	0	9	0,0	
H S José (Lx)	0	31	0,0		H S Teotónio – Viseu	0	67	0,0	
H Egas Moniz (Lx)	0	65	0,0		H C Figueiredo – Tondela	0	4	0,0	
H S Francisco Xavier (Lx)	0	3	0,0		HD Lamego	0	12	0,0	
H Santa Cruz (Lx)	4	22	18,2		HD Espír Santo – P Delgada	0	5	0,0	
H Santa Marta (Lx)	0	2	0,0		CH Funchal	0	21	0,0	

<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA</b> 7,6%	<b>Ambulatório</b> 75	<b>Total</b> 1.811	<b>% Amb/Tot 2003</b> 4,1%
--------------	----------------------------------	--------------------------	-----------------------	-------------------------------

**QUADRO XX | Expressão da realização de colecistectomia laparoscópica em regime de ambulatório (código 51.23 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 61 hospitais nacionais incluídos em 2003 e 2001**

HOSPITAIS	COLECISTECTOMIA LAPAROSCÓPICA				HOSPITAIS	COLECISTECTOMIA LAPAROSCÓPICA			
	AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATORIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	128	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)	0	375	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	0	232	0,0	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	156	0,0	0,0
H S João Madeira	0	53	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	0	213	0,0	0,0
H N S Ajuda – Espinho	0	48	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)	0	3	0,0	0,0
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	0	197	0,0	0,0	IPO – Lisboa	0	1	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	321	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	35	43	81,4	0,8
H S Marcos – Braga	0	164	0,0	0,0	HD Torres Vedras	0	39	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães	0	102	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	0	4	0,0	0,0
H S João Deus – Famalicão	0	31	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	53	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	13	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	111	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	70	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	58	0,0	0,0
HD Bragança	0	190	0,0	0,0	H S João – Porto	13	442	2,9	2,9
HD Mirandela		0			H G S António – Porto	21	293	7,2	2,5
H Macedo de Cavaleiros		0			Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco	0	72	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira	0	78	0,0	0,0	IPO – Porto		0		
H Universidade Coimbra	0	343	0,0	0,0	CH V N Gaia	0	136	0,0	0,0
H Covões (CHC)	0	120	0,0		HP Hispano – Matosinhos	0	193	0,0	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)	0	4	0,0	0,0	H S Bento – Santo Tirso	0	6	0,0	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	136	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante	0	122	0,0	0,0
HD Figueira Foz	0	59	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde	0	99	0,0	0,0
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo	0	42	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora	0	76	0,0	0,0	HD Santarém	0	118	0,0	0,0
HD Faro	0	69	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	273	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	0	162	0,0	0,0	H S Bernardo – Setúbal	0	109	0,0	0,0
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada	0	211	0,0	0,0
H Dr S Martins – Guarda	0	91	0,0	0,0	H N S Rosário – Barreiro	0	41	0,0	0,0
H S André – Leiria	0	47	0,0	0,0	H Montijo	0	95	0,0	0,0
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	88	0,0	0,0
CH Caldas Rainha	0	14	0,0		CH Vila Real / Peso Régua		0		
H Santa Maria (Lx)	0	400	0,0	0,0	HD Chaves	0	2	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	145	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	14	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	142	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela	0	21	0,0	0,0
H S Francisco Xavier (Lx)	0	219	0,0	0,0	HD Lamego		0		
H Santa Cruz (Lx)	17	17	100	13,9	HD Espir Santo – P Delgada	0	40	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	128	0,0	
<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA</b>	<b>Ambulatório</b>	<b>Total</b>	<b>% Amb/Tot 2003</b>	<b>% Amb/Tot 2001</b>				
	<b>6,6%</b>	<b>86</b>	<b>7.272</b>	<b>1,2%</b>	<b>0,6%</b>				

**QUADRO XXI | Expressão da realização da destruição de disco intravertebral em regime de ambulatório (código 80.5 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 35 hospitais nacionais incluídos em 2003 e 2001**

HOSPITAIS	DESTRUIÇÃO DE DISCO INTRAVERTEBRAL				HOSPITAIS	DESTRUIÇÃO DE DISCO INTRAVERTEBRAL			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	10	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)	0	43	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	0	98	0,0	1,4	H Pulido Valente (Lx)		0		
H S João Madeira	0	3	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)	0	276	0,0	0,0
H N S Ajuda – Espinho	0	9	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja		0			Mat Alfredo Costa (Lx)		0		
HD Águeda		0			Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja		0			IPO – Lisboa		0		
HLitoral Alentejano (SCacém)		0			H F Fonseca (Amadora)	0	1	0,0	0,0
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais		0		
H S Marcos – Braga		0			HD Torres Vedras	0	24	0,0	0,0
H S Oliveira – Guimarães		0			H R Santos – V F Xira	0	7	0,0	0,0
H S João Deus – Famalicão		0			H Militar Principal (Lx)	0	43	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos		0			H J M Grande – Portalegre		0		
H S José – Fafe	0	6	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas		0		
HD Bragança		0			H S João – Porto	5	116	4,3	5,7
HD Mirandela		0			H G S António – Porto	14	176	8,0	8,1
H Macedo de Cavaleiros	0	89	0,0		Mat Júlio Dinis – Porto		0		
H Amato Lusitano – C Branco		0			H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira		0			IPO – Porto		0		
H Universidade Coimbra	0	239	0,0	0,0	CH V N Gaia	2	109	1,8	0,0
H Covões (CHC)	0	239	0,0		HP Hispano – Matosinhos	0	247	0,0	0,0
H Pediátrico Coimbra (CHC)	0	2	0,0	0,0	H S Bento – Santo Tirso	0	13	0,0	0,0
Mat Bissaya-Barreto (CHC)		0			H Vale Sousa	0	23	0,0	0,0
IPO – Coimbra		0			H S Gonçalo – Amarante		0		
HD Figueira Foz		0			CH Póvoa Varzim / VConde		0		
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo	0	7	0,0	0,0
H Espírito Santo – Évora		0			HD Santarém		0		
HD Faro	0	32	0,0	0,0	CH Médio Tejo		0		
HB Algarvio – Portimão	0	11	0,0	0,0	H S Bernardo – Setúbal		0		
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada		0		
H Dr S Martins – Guarda		0			H N S Rosário – Barreiro	0	3	0,0	0,0
H S André – Leiria	0	2	0,0	0,0	H Montijo		0		
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	31	0,0	0,0
CH Caldas Rainha		0			CH Vila Real / Peso Régua	0	15	0,0	0,0
H Santa Maria (Lx)	0	166	0,0	0,0	HD Chaves		0		
H S José (Lx)	0	193	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	77	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	182	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)		0			HD Lamego	0	3	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espír Santo – P Delgada	0	82	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	42	0,0	
<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA</b>	<b>Ambulatório</b>	<b>Total</b>	<b>% Amb/Tot 2003</b>	<b>% Amb/Tot 2001</b>				
	<b>8,6%</b>	<b>21</b>	<b>2.631</b>	<b>0,8%</b>	<b>1,5%</b>				

**QUADRO XXII | Expressão da realização de mastectomia em regime de ambulatório (código 85.4 do ICD9-CM) relativamente ao total de cirurgia produzida pelos 59 hospitais nacionais incluídos em 2003 e 2001**

HOSPITAIS	MASTECTOMIA				HOSPITAIS	MASTECTOMIA			
	AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001		AMBULATÓRIO	TOTAL	% AMB/TOT2003	% AMB/TOT2001
HD Aveiro	0	2	0,0	0,0	H Curry Cabral (Lx)	0	5	0,0	0,0
H S Sebastião – Feira	0	52	0,0	0,0	H Pulido Valente (Lx)	0	18	0,0	0,0
H S João Madeira	0	11	0,0	0,0	H S António Capuchos (Lx)		0		
H N S Ajuda – Espinho	0	6	0,0	0,0	H D Estefânia (Lx)		0		
H Visconde Salreu – Estarreja	0	2	0,0	0,0	Mat Alfredo Costa (Lx)	0	203	0,0	
HD Águeda	0	2	0,0	0,0	Inst Oftalm Gama Pinto (Lx)		0		
H J J Fernandes – Beja	0	38	0,0	0,0	IPO – Lisboa	0	26	0,0	
HLitoral Alentejano (SCacém)	0	2	0,0		H F Fonseca (Amadora)	0	52	0,0	10,4
H S Paulo – Serpa		0			CH Cascais	0	26	0,0	6,7
H S Marcos – Braga		0			HD Torres Vedras		0		
H S Oliveira – Guimarães	0	47	0,0	0,0	H R Santos – V F Xira	0	13	0,0	0,0
H S João Deus – Famalicão	0	28	0,0	0,0	H Militar Principal (Lx)	0	12	0,0	0,0
H S Maria Maior – Barcelos	0	9	0,0	0,0	H J M Grande – Portalegre	0	16	0,0	0,0
H S José – Fafe	0	9	0,0	0,0	H S Luzia – Elvas	0	13	0,0	0,0
HD Bragança	0	12	0,0	0,0	H S João – Porto	2	63	3,2	5,7
HD Mirandela	0	12	0,0	0,0	H G S António – Porto	0	43	0,0	8,1
H Macedo de Cavaleiros	0	1	0,0	0,0	Mat Júlio Dinis – Porto	0	1	0,0	
H Amato Lusitano – Cbranco	0	7	0,0	0,0	H Ped Maria Pia – Porto		0		
CH Cova da Beira		0			IPO – Porto	30	693	4,3	
H Universidade Coimbra	0	138	0,0	0,9	CH V N Gaia	0	56	0,0	0,0
H Covões (CHC)		0			HP Hispano – Matosinhos	0	73	0,0	8,3
H Pediátrico Coimbra (CHC)		0			H S Bento – Santo Tirso	0	9	0,0	11,8
Mat Bissaya-Barreto (CHC)	0	79	0,0		H Vale Sousa	0	12	0,0	0,0
IPO – Coimbra	0	489	0,0		H S Gonçalo – Amarante	1	15	6,7	0,0
HD Figueira Foz	0	17	0,0	0,0	CH Póvoa Varzim / VConde	0	8	0,0	0,0
H J Crisóstomo – Cantanhede		0			H N S Conceição – Valongo		0		
H Espírito Santo – Évora	0	42	0,0	0,0	HD Santarém	0	86	0,0	0,0
HD Faro	0	81	0,0	0,0	CH Médio Tejo	0	18	0,0	0,0
HB Algarvio – Portimão	0	24	0,0	0,0	H S Bernardo – Setúbal		0		
HD Lagos		0			H Garcia Orta – Almada		0		
H Dr S Martins – Guarda		0			H N S Rosário – Barreiro	0	37	0,0	0,0
H S André – Leiria	0	5	0,0	0,0	H Montijo	0	10	0,0	0,0
HD Pombal		0			CH Alto Minho – V Castelo	0	36	0,0	0,0
CH Caldas Rainha	0	32	0,0		CH Vila Real / Peso Régua		0		
H Santa Maria (Lx)	0	80	0,0	0,0	HD Chaves	0	26	0,0	0,0
H S José (Lx)	0	24	0,0	0,0	H S Teotónio – Viseu	0	16	0,0	0,0
H Egas Moniz (Lx)	0	22	0,0	0,0	H C Figueiredo – Tondela		0		
H S Francisco Xavier (Lx)	1	11	9,1	11,4	HD Lamego	0	11	0,0	0,0
H Santa Cruz (Lx)		0			HD Espir Santo – P Delgada	0	26	0,0	0,0
H Santa Marta (Lx)		0			CH Funchal	0	72	0,0	
<b>TOTAL</b>	<b>% Hospitais c/ CA</b>	<b>Ambulatório</b>	<b>Total</b>	<b>% Amb/Tot 2003</b>	<b>% Amb/Tot 2001</b>				
	<b>6,8%</b>	<b>34</b>	<b>2.979</b>	<b>1,1%</b>	<b>1,5%</b>				

**QUADRO XXIII | Expressão em percentagem da cirurgia em regime de ambulatório efectuada para alguns tipos de intervenção cirúrgica do GRUPO A, durante 2003, em cada um dos 80 Hospitais abrangidos pelo estudo**

HOSPITAIS	CATARATA	HÉRNIA INGUINAL	VARIZES	ADENOIDECTOMIA	LAQUEAÇÃO TUBAR	CIRCUNCISÃO	TÚNEL CÁRPICO	% TOTAL DE AMBULATORIO/TOTAL CIR. PROGRAMADA
H. Distrital de Aveiro	55,0	16,3	1,1	1,1	0,0	13,8	68,5	22,2
H. S. Sebastião – Feira	63,2	12,6	17,2	42,7	89,1	38,1	61,9	28,6
H. S. João da Madeira	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. N. Senhora da Ajuda – Espinho		0,0	0,0		0,0	61,5	89,0	11,7
Hospital Visconde Salreu - Estarreja		0,0	0,0			44,4	0,0	5,8
H. Distrital de Águeda	0,0	0,0	0,0			95,6	0,0	13,4
H. José Joaquim Fernandes – Beja	39,2	40,6	33,6	28,1	1,6	88,9	96,7	27,9
Hospital Litoral Alentejano (S. Cacém)		0,0	0,0			0,0		0,0
Hospital S. Paulo – Serpa		41,3	62,5			100,0		48,2
H. S. Marcos – Braga	0,0	0,0		0,0		0,0	72,1	17,2
H. Senhora da Oliveira - Guimarães	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. S. João de Deus – Famalicão	0,0	10,7	0,0	0,0	0,0	70,9	37,3	16,7
H. Santa Maria Maior – Barcelos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. S. José – Fafe		0,0	0,0			0,0	0,0	0,0
H. Distrital de Bragança	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. Distrital de Mirandela	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0
H. Macedo de Cavaleiros		0,0				0,0	0,0	0,0
H. Amato Lusitano - Castelo Branco	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Centro Hospitalar da Cova da Beira	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. Universidade Coimbra	87,1	21,5	0,5	0,0	0,0	20,0	0,0	16,4
Hospital dos Covões (CHCoimbra)	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,0	0,0
H. Pediátrico de Coimbra (CHCoimbra)	0,0	94,7		4,9		91,4		33,2
Maternidade Bissaya-Barreto (CHCoimbra)								35,9
IPO – Centro de Coimbra		0,0				62,5		26,5
H. Distrital da Figueira da Foz	27,6	8,3	4,3	0,0	0,0	22,2	54,5	24,9
H. Arcebispo João Crisóstomo – Cantanhede		0,0	0,0			0,0	0,0	0,0
H. Espírito Santo – Évora	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	19,7
H. Distrital de Faro	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. Barlavento Algarvio – Portimão	88,0	36,0	50,0	67,9	0,0	46,4	11,4	50,8
H. Distrital de Lagos		9,9	9,2			29,3		10,6
H. Dr. Sousa Martins – Guarda	0,0	0,0		0,0		0,0	0,0	0,0
H. S. André – Leiria	68,2	26,5	58,0	0,0	0,0	58,2	85,6	36,7
H. Distrital do Pombal		0,0	0,0			100,0		4,7
Centro Hospitalar das Caldas da Rainha	6,7	47,0	15,6	50,7	0,0	90,0	37,0	24,8
H. Santa Maria	54,8	22,4	22,0	93,9	0,0	81,5	82,5	15,5
H. S. José – Lisboa	26,9	1,3	3,8	0,0	0,0	44,4	70,4	17,0
H. Egas Moniz	27,6	0,0	0,0	0,0	0,0	5,9	54,8	7,9
H. S. Francisco Xavier		1,0	0,0		0,0	71,4		15,7
H. Santa Cruz		40,7	61,4		100,0	100,0	95,8	20,9
H. Santa Marta		0,0	0,0					0,0
H. Curry Cabral		0,0	0,0		0,0	70,2	63,6	2,8
H. Pulido Valente		0,3	0,9	0,9	0,0	23,5	66,7	0,6
H. Santo António dos Capuchos	26,9	0,0	0,2			11,8	69,7	11,6
H. Dona Estefânia	50,0	100,0		38,2		57,0		30,5
Maternidade Alfredo da Costa					31,9			28,0
Instituto de Oftalmologia Dr Gama Pinto	0,3							9,3

(Cont. na pág. seguinte)

HOSPITAIS	CATARATA	HÉRNIA INGUINAL	VARIZES	ADENOIDECTOMIA	LAQUEAÇÃO TUBAR	CIRCUNCISÃO	TÚNEL CÁRPICO	% TOTAL DE AMBULATORIO/TOTAL CIR. PROGRAMADA
IPO - Centro de Lisboa		0,0				100,0		0,0
H. Fernando da Fonseca	0,0	8,5	0,0	0,0	0,0	16,1	35,6	8,4
Centro Hospitalar de Cascais	100,0	81,8	97,0	100,0	93,3	100,0	100,0	35,0
H. Distrital de Torres Vedras		1,1	0,0	63,3	0,0	73,3	0,0	6,4
H. Reynaldo Santos - V.F.Xira		19,0	23,9	85,7		100,0	19,5	14,0
H. Militar Principal	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. Dr. José Maria Grande - Portalegre	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
H. Santa Luzia - Elvas		0,0	0,0		0,0	25,0	0,0	9,2
H. S. João - Porto	0,0	19,7	14,0	0,0	43,4	45,3	58,8	6,2
H. Geral de Santo António	76,4	64,0	85,6	0,0	61,9	65,9	59,0	34,4
Maternidade Júlio Dinis					83,5			11,4
H. Pediátrico Maria Pia		43,9		0,0		42,2		36,9
IPO - Centro do Porto	100,0	0,0		0,0	0,0	0,0	0,0	8,8
Centro Hospitalar de V.N.Gaia	98,5	21,9	0,8	0,9		64,6	11,1	16,5
H. Pedro Hispano - Matosinhos	0,0	32,9	1,7	79,1	0,0	94,4	1,8	9,7
H. S. Bento - Santo Tirso	97,3	3,1	0,0	0,0		90,0	60,0	31,8
Hospital de Vale do Sousa	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,0	10,6
H. S. Gonçalo - Amarante		27,5	1,3		0,0	63,4	0,0	9,9
Centro Hospitalar Póvoa / Vila do Conde		50,0	0,0			87,1	65,1	42,1
H. N. Senhora da Conceição - Valongo		0,0	0,0			0,0	0,0	0,0
H. Distrital de Santarém	1,8	46,3	5,9	75,0	68,5	92,0	98,7	46,9
Centro Hospitalar Médio Tejo	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,0	0,0
H. S. Bernardo - Setúbal	0,0	0,0		0,0		0,0	0,0	0,0
H. Garcia de Orta - Almada	0,0	31,8		0,0		64,7	84,7	27,5
H. N. Senhora do Rosário - Barreiro	0,0	0,0	0,0	84,6	0,0	25,0	36,1	6,3
H. Montijo		0,0	0,0		0,0	0,0	0,0	0,0
Centro Hospitalar do Alto Minho	0,0	0,0	0,9	0,0	90,0	2,1	2,2	1,5
Centro Hospitalar Vila Real / P. Régua	62,4	1,3	0,0	0,0	100,0	31,8	1,8	21,0
H. Distrital Chaves	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,0	0,0
H. S. Teotónio - Viseu	0,0	21,9	0,0	0,0	25,9	10,0	53,1	8,6
H. Cândido Figueiredo - Tondela		0,0	3,1			0,0	0,0	5,7
H. Distrital de Lamego		4,4	14,9	0,0		57,9	10,5	14,8
H. Divino Espírito Santo - Ponta Delgada	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Centro Hospitalar do Funchal	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>TOTAL</b>	<b>31,3</b>	<b>14,9</b>	<b>13,3</b>	<b>15,2</b>	<b>23,5</b>	<b>41,1</b>	<b>39,3</b>	<b>14,6</b>

**QUADRO XXIII | Comparação internacional da expressão da cirurgia em regime de ambulatório, no que respeita a um conjunto de procedimentos cirúrgicos (valores em percentagem do total de cirurgia programada efectuada em cada país, em 2003 / 2004)**

PAÍS	ALEMANHA	AUSTRÁLIA	BÉLGICA	CANADÁ (ALBERTA)	DINAMARCA	ESTADOS UNIDOS	FINLÂNDIA	FRANÇA	HOLANDA	HONG KONG	INGLATERRA	ITÁLIA	NORUEGA	PORTUGAL	SUÉCIA
<b>Cirurgia Geral</b>															
Reparação de Hérnia	6,0	22,6	19,9	71,2	73,0	84,1	46,0	8,0	38,0	24,6	42,0	29,6	63,0	14,9	68,9
Hemorroidectomia	19,5	62,0	29,1	78,0	82,0	95,8	14,7	6,0	53,0	38,0	18,0	16,6	73,0	12,6	79,6
Quisto sacrococcígeo	99,0	29,7	33,6	77,4	91,0	91,6		10,0	14,0	22,0	34,0	64,0	87,0	28,8	92,0
Colecistect laparoscóp	0,5	2,0	1,2	43,9	18,8	49,8	10,3	0,0	2,0	5,0	3,0	1,6	12,0	1,2	11,0
Cir Gástrica Refluxo		0,3	0,1	1,3	6,1	31,0		0,0					6,0		2,9
<b>Cirurgia Plástica</b>															
Mamoplastias	3,0	8,8	0,9	50,8	5,4	80,6		1,0	0,3		1,0	2,1	54,0		4,2
Abdominoplastias	40,0	9,8	4,0	39,9	6,3	24,1		1,0	15,0			17,8	53,0		5,5
<b>Cirurgia Vascular</b>															
Varizes	30,5	20,5	66,0	82,0	89,3	88,2	56,7	17,0	69,0	4,8	54,0	40,0	79,0	13,3	80,8
<b>Ginecologia</b>															
Dilatação e curetagem	40,0		79,0	80,6		85,0		45,0	69,0	14,0	70,0	33,5	73,0	34,8	60,2
Abortamento		89,0		99,8	97,0	82,5		87,0		51,8					92,0
Laqueação tubar	41,5	86,0	67,2	99,3	90,0	90,2	89,0	5,0	93,0		84,0	22,0	52,0	23,5	80,6
<b>Neurocirurgia</b>															
Dissectomia lombar	4,2	2,1	1,9	10,2	1,6	5,7		0,0	0,4		1,0	2,5	6,0	0,8	0,6
<b>Oftalmologia</b>															
Cirurgia de Catarata	42,0	89,0	87,0	99,4	98,0	99,7	91,5	45,0	92,0	53,5	90,0	62,0	93,0	31,3	97,0
Estrabismo	46,0	80,0	81,0	99,1	65,0	85,0		19,0	90,0	31,0	80,0	21,0	50,0	28,9	65,0
<b>ORL</b>															
Amigalectomia	18,0	4,0	93,6	66,8	30,0	89,2	24,0	20,0	64,0	0,7	7,0	15,7	28,0	9,3	14,3
Miringotomia	61,4		94,6	99,0	81,0	98,6		90,0	98,0	60,7	82,0	50,0	87,0	14,9	80,0
<b>Ortopedia</b>															
Menissect. Joelho	32,5	81,0	79,0	97,7	91,0	96,7	74,0	36,0	92,0	6,8	70,0	28,7	88,0	1,8	93,0
Túnel cárpico	62,5	86,0	93,0	99,5	78,0	97,3	81,0	79,0	95,0	70,5	88,0	73,5	83,0	39,3	79,0
Cirurgia do pé	42,5	19,0	40,9	72,0	72,0	95,2	50,8	2,0	27,0		28,0	20,5	61,0		45,0
<b>Urologia</b>															
Circuncisão	53,6		88,0	58,3	92,9	88,5	75,0	82,0	96,0	72,0	74,0	56,0	86,0	41,1	89,0
Vasectomia	84,8	95,0	97,0	99,8	99,8	94,8		0,0	97,5	17,6	97,0	58,0	99,0		98,7
RTU próstata	3,2	1,0	0,6	1,2	1,3	23,1	1,9	0,0	0,7	0,3	1,0	0,4			1,3

**IV – DISCUSSÃO** | Desde que o Instituto Nacional de Estatística (INE) se demitiu da função de apresentar dados estatísticos referentes à saúde e de forma muito particular à produção cirúrgica hospitalar, tem sido muito difícil avaliar a evolução nesta área da saúde. Por outro lado, os documentos publicados pelo Ministério da Saúde e seus Organismos Oficiais são pouco completos porquanto não discriminam o tipo de actividade cirúrgica e o regime em que esta se faz nos diferentes hospitais do SNS. Tal tarefa tem sido agora assumida pela APCA, em parceria com o Ministério da Saúde e a colaboração dos Hospitais do SNS, de forma a avaliarmos com rigor a produção anual da cirurgia em regime de ambulatório e a sua evolução ao longo dos anos.

A apresentação de resultados obtidos através da realização de inquéritos nacionais que procurem identificar de forma objectiva determinado tipo de procedimentos, avaliando de forma contínua essa prática ao longo do tempo, tem sido o melhor indicador da expressão real da CA em muitos países <sup>8,9</sup>. Esta foi também a opção tomada pela APCA durante o inquérito nacional de 2001 <sup>7</sup>, procurando o presente estudo dar continuidade a esse projecto. Desta vez, procuramos expandir tanto quanto possível o leque de hospitais com actividade cirúrgica, de forma a que os nossos resultados traduzissem com maior rigor a nossa realidade neste âmbito. Incluíram-se os centros regionais dos IPO e as maternidades para além de vários hospitais de média e pequena dimensão que antes não haviam sido incluídos nos nossos inquéritos. Haverá assim a necessidade de ter algum cuidado na comparação de valores totais já que as amostras dos dois estudos (2001 e 2003) não foram iguais.

A evolução registada entre 2001 e 2003 foi na verdade bastante significativa, permitindo-nos o Quadro XVIII tirar as seguintes conclusões:

a) Aumento no valor absoluto total do número de cirurgias do Grupo A de 92.585 para 125.706 cirurgias. Contudo, se procurarmos fazer uma análise evolutiva com o mesmo conjunto de hospitais dos dois inquéritos, e excluindo a exérese de quisto sacrococccígeo, então o crescimento registado será de 92.585 para 110.813 cirurgias, ou seja 19,7%.

b) De igual modo registou-se um aumento no valor absoluto total do número de cirurgias do Grupo A efectuadas em regime de ambulatório, de 14.530 para 27.855 cirurgias. Da mesma maneira, se compararmos o mesmo conjunto de hospitais dos dois inquéritos de 2001 e 2003, e, se excluirmos a exérese de quisto sacrococccígeo, então o aumento registado será de 14.530 para 24.147 cirurgias, o que representa um acréscimo de 66,2%, significando assim ter havido uma clara transferência de procedimentos do regime de internamento para o ambulatório.

c) O aparente aumento registado de forma invariável nos totais dos diferentes procedimentos que incluem o Grupo A entre 2001 e 2003, sofre significativas alterações quando

eliminamos os resultados dos hospitais incluídos em 2003. Na verdade, procedimentos como a extracção cirúrgica de dente, a reparação de hérnia inguinal, a laqueação tubar laparoscópica e a cirurgia para correcção de estrabismo tiveram pequenos decréscimos no total de cirurgias efectuadas. Contudo, o número de cirurgias realizadas em regime de ambulatório foi sempre crescente em todos os tipos de procedimentos.

d) As intervenções onde se registou maior crescimento foram: extracção de material de osteossíntese (123,5%), excisão local de lesão da mama (71,1%), dilatação e curetagem do útero (64,8%), libertação do túnel cárpico (62,6%), excisão da cartilagem semilunar do joelho (48,5%), rinoplastia (48,4%) e catarata (41,4%). Duas delas (excisão local de lesão da mama nos hospitais oncológicos e dilatação e curetagem do útero nas maternidades) pela óbvia entrada de hospitais onde a sua realização é muito frequente.

O Quadro XVII permite por outro lado analisar o comportamento dos diferentes hospitais à prática da CA. Os poucos hospitais onde se verificou um decréscimo na percentagem de cirurgias do Grupo A realizadas em regime de ambulatório, deveu-se muito provavelmente à inexistência na verdade de um processo organizativo que estivesse na base da produção referida em 2001. Daí a quebra notada em 2003. Pelo contrário, aqueles em que o programa se encontrava já bem concretizado, permitiram que esta prática tivesse uma maior expansão.

Sendo hoje internacionalmente aceite de que mais de 80% das cirurgias englobadas neste conjunto de procedimentos, designado por Grupo A, podem ser efectuadas em regime de ambulatório, verificamos quanto longe se encontram da sua maximização os respectivos programas de CA, apenas se encontrando próximo daquele valor três hospitais: Centro Hospitalar de Cascais, e as Maternidades de Bissaya-Barreto, em Coimbra, e a de Alfredo da Costa, em Lisboa. Existe assim uma enorme margem de crescimento, devendo os respectivos programas de CA ser optimizados de forma a podermos usufruir no limite de todas as vantagens que a eles se encontram associados. Será ainda de registar que os hospitais que apresentem um maior valor absoluto de procedimentos realizados neste conjunto, serão aqueles que mais terão a ganhar com a criação de uma Unidade de Cirurgia Ambulatória com instalações próprias para o efeito.

Constata-se ainda a enorme variabilidade da expressão da CA para cada procedimento entre os diversos hospitais verificando-se em muitas situações que aquela varia entre 0 e 100%. Por outro lado, não existe uma expressão de CA uniforme em cada hospital no que à CA diz respeito, verificando-se com frequência que para determinadas cirurgias o hospital em causa tem uma percentagem de CA muito elevada e para outras uma percentagem de CA muito baixa (Quadro XXIII).

Impõe-se contudo, alguns, breves comentários sobre a evolução registada nalguns procedimentos cirúrgicos. Assim, e relativamente à cirurgia de catarata, a inclusão neste inquérito



de hospitais com um número significativo de actos (Instituto de Oftalmologia, Dr Gama Pinto, em Lisboa, Hospital dos Covões, em Coimbra, e Centro Hospitalar do Funchal), e sem tradição na prática da CA, poderão explicar a quase estagnação ocorrida na expressão da cirurgia de catarata em regime de ambulatório entre 2001 e 2003. Por outro lado, a inclusão crescente de cirurgia de facoemulsão na abordagem da catarata, efectuada na maioria das circunstâncias sob anestesia loco-regional (bloqueio peribulbar) ou anestesia tópica, permite concluir ser este um dos procedimentos ideais e que terá maior desenvolvimento no futuro próximo no âmbito dos programas de ambulatório. Não temos dúvidas em assumir que esta cirurgia deverá ser realizada em regime de ambulatório em mais de 80% dos casos, à semelhança do que acontece noutros países (Quadro XXIV). A reparação da hérnia inguinal é tradicionalmente um dos procedimentos emblemáticos dos programas de CA. A sua monitorização permite muitas vezes avaliar o desenvolvimento destes programas nos diferentes hospitais e o empenho da especialidade de cirurgia geral na prática da CA. A par da cirurgia de catarata é um dos procedimentos cirúrgicos com maior lista de espera, pelo que a sua inclusão em futuros programas de CA poderá ser decisiva para o aumento da eficácia de resposta dos nossos hospitais às crescentes solicitações e, assim, a uma diminuição da lista de espera cirúrgica. É um procedimento que poderá incluir mais de 50% dos doentes neste regime cirúrgico, a breve prazo.

A cirurgia de varizes é outra das intervenções cirúrgicas com enorme impacto social e económico, pela morbilidade associada, deficiente qualidade de vida e absentismo ao trabalho que acarreta. A evolução da sua prática em regime de ambulatório tem sido lenta mas realizada de forma sustentável, destacando-se pela sua expressão o programa de CA do Hospital Geral de Santo António, no Porto, que apresenta quase metade da totalidade nacional de doentes operados neste regime cirúrgico e valores percentuais (85,6%) que em nada ficam atrás do ocorrido na maioria dos países representados no Quadro XXIV. Não há razões científicas para na actualidade não se operarem mais de 75% dos doentes neste regime cirúrgico. A área de otorrinolaringologia merece uma atenção especial e uma abordagem diferente conforme se analisem as miringotomias ou as amigdalectomias. Na verdade, se relativamente à primeira intervenção não há dúvidas quanto à sua inclusão quase sem limites nos programas de CA, já no que respeita à segunda intervenção não há consenso dentro da comunidade científica, impondo-se ainda alguns cuidados adicionais, como sejam a recomendação da não inclusão de amigdalectomias em regime de ambulatório em crianças com idade inferior a 3 anos de idade, pela maior possibilidade de uma hemorragia no pós-operatório imediato que possa de alguma forma obstruir a via aérea, e colocar a vida da criança em perigo. De facto, no Quadro XXIV podemos verificar quanto diversa é a expressão da amigdalectomia em termos internacionais: desde valores

insignificantes (Hong Kong – 0,7%) ou baixos (Austrália – 4,0% e Inglaterra – 7,0%) até valores surpreendentemente significativos como acontece na Bélgica (93,6%) ou nos Estados Unidos da América (89,2%). Em Portugal, podemos, ainda que de forma isolada, encontrar situações semelhantes às dos belgas e dos norte-americanos, como é exemplo o sucedido no Hospital Reynaldo dos Santos, em V.F.Xira (96,8%), no Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão (92,2%), ou no Hospital de Santa Maria, em Lisboa (75,1%). Relativamente às miringotomias somos da opinião que estas poderão ser feitas em mais de 90% das situações em regime de ambulatório, não havendo na actualidade, com raras excepções, razão para o internamento destes doentes, maioritariamente pediátricos.

A laqueação tubar laparoscópica teve um crescimento considerável entre 2001 e 2003. Contudo, estranha-se o pequeno número em que este procedimento é feito nos hospitais do SNS (58,8%) em especial quando se trata de uma valência cirúrgica básica existente na maioria dos nossos hospitais, e um procedimento tão importante no contexto do planeamento familiar. Saliencia-se ainda negativamente o facto de hospitais com tradição na área da CA (Hospital do Barlavento Algarvio, em Portimão ou Hospital de S. André, em Leiria) não incluírem este procedimento no seu programa de CA.

A cirurgia de estrabismo é a segunda intervenção cirúrgica oftalmológica mais representativa da CA. Tem uma evolução bastante favorável entre 2001 e 2003. Contudo, e de forma inexplicável, não tem ainda a expressão encontrada noutros países (Quadro XXIV). O facto de ser necessário uma anestesia geral não justificará, estamos certos, a necessidade de um internamento hospitalar na maioria das situações, pelo que será de esperar o rápido crescimento deste tipo de intervenção em regime de ambulatório, nos próximos anos.

A estagnação ocorrida na excisão local de lesão da mama não tem qualquer explicação plausível. Trata-se de um procedimento de relativa simplicidade, muitas vezes realizado em doentes jovens sem patologia associada, sob anestesia geral ou sedação com anestesia local, com as características ideais para o regime de ambulatório. Tal como para outros procedimentos, somos da opinião que a mais de 50% dos casos poderão ser feitos em regime de ambulatório.

A hemorroidectomia é dos procedimentos cirúrgicos do Grupo A que maior desconforto provoca no pós-operatório imediato. É ainda um procedimento que, dado a gravidade da lesão poderá não ter indicação para ser realizado em regime de ambulatório. Assim, é de esperar uma grande variabilidade na expressão deste procedimento entre hospitais e entre países, como se pode constatar nos Quadros XI e XXIV, respectivamente. Aliás, reforçando esta ideia, verificou-se uma evolução negativa da sua prática entre 2001 e 2003, cujas razões poderão muito bem ser as anteriormente referidas.

A exérese de quisto sacrococcígeo é outro dos procedimentos da área da cirurgia geral mais vezes realizado em regime de

ambulatório. Os hospitais que têm programas de CA em curso, incluem este procedimento em média em mais de 70% dos casos. Contudo, é curioso registar que ao nível internacional ele tem percentagens muito diferentes: desde os 10% e 14% da França e Holanda, respectivamente, até aos 99% e 92% da Alemanha e da Suécia, respectivamente. É curioso o valor registado num país com a tradição da CA como é a Inglaterra ser pouco superior (34%) ao verificado em Portugal (28,8%). A circuncisão e a libertação do túnel cárpico são depois da extracção cirúrgica de dente, os procedimentos mais vezes realizados em regime de ambulatório, com 41,1% e 39,3%, respectivamente. Registou-se uma evolução muito positiva em ambos os procedimentos entre 2001 e 2003, sendo facilmente previsível que estas intervenções poderão chegar a valores superiores a 75% no curto prazo, seguindo um pouco o exemplo internacional apresentado no Quadro XXIV.

Os Quadros XIX, XX, XXI e XXII, apenas procuram ilustrar o envolvimento gradual de cirurgia mais complexa nos programas de CA. Destacar a percentagem obtida pela lobectomia da tiróide em regime de ambulatório (4,1%) muito embora à custa de 5 hospitais apenas. Será muito curioso observar a evolução deste procedimento no futuro próximo. A colecistectomia laparoscópica tem registado uma evolução lenta, sempre à custa dos mesmos hospitais. No que respeita à discectomia lombar ou à mastectomia, os seus resultados não têm de momento qualquer expressão a nível nacional, sendo apenas interessante verificar a evolução nos poucos hospitais que aderiram a esta prática.

Finalmente, um comentário adicional ao Quadro XXIV, já que ele nos permite um estudo comparativo entre os diferentes países analisados, ajudando-nos a posicionar no cenário internacional, a definir metas no curto e longo prazo e a reflectir sobre a metodologia a seguir para se concretizarem esses objectivos.

**V – CONCLUSÃO** | O presente estudo procurou dar uma ideia real sobre o tipo de CA que foi praticada em 2003 nos 80 hospitais do SNS. Deu assim continuidade a estudo idêntico efectuado pela APCA relativamente ao ano de 2001, mostrando a evolução desta prática no nosso país, e permitindo comparações internacionais. Registou-se um avanço considerável em apenas dois anos, o que permitiu uma aproximação a valores obtidos noutros países. Existe, contudo, um longo percurso a percorrer para podermos sentir que também nesta área começamos a ter indicadores sanitários semelhantes aos nossos parceiros comunitários.

Cada hospital é um caso, com uma concepção, enquadramento e organização muito próprias. Compete a cada hospital, analisar e reflectir sobre a sua actividade cirúrgica de forma a conseguir encontrar as melhores soluções para um programa cirúrgico seguro, eficiente, racional do ponto de vista económico, mas de elevada qualidade. Não temos dúvidas que esse caminho

passa necessariamente pela dinamização de um programa de CA ainda que possa ter menor dimensão em alguns hospitais. Não faz actualmente sentido que um hospital com actividade cirúrgica, seja do norte ou do sul, se encontre no litoral ou no interior do país, no continente ou nas ilhas, não desenvolva um programa de CA. Existirá sempre um modelo, seja integrado, autónomo ou satélite, que se adaptará muito bem a cada realidade. Exija-o a Sociedade, o Ministério da Saúde, os hospitais, os profissionais de saúde ou mesmo os cidadãos comuns em prole da modernidade, da racionalidade económica, da produtividade, da acessibilidade crescente a serviços cirúrgicos de uma melhor qualidade na prestação dos mesmos.

**VI – AGRADECIMENTOS** | Os autores desejam agradecer a colaboração inestimável da Secretaria de Estado da Saúde na divulgação do presente inquérito, assim como dos Conselhos de Administração das instituições hospitalares envolvidas neste estudo sem a qual teria sido impossível a execução do mesmo. Uma palavra ainda de agradecimento para a ajuda desinteressada de vários profissionais anónimos dessas instituições (funcionários de Serviços de Codificação de Doentes ou de Serviços de Estatística) que em muito contribuíram para o êxito deste trabalho.

## VII – BIBLIOGRAFIA

1. P. LEMOS, D. MARQUES, E. ALVES, A. REGALADO, J. SOARES. A expressão da Cirurgia Ambulatória em Portugal. Rev. Port. de Cirurgia Ambulatória, 2001;2:5-15.
2. P. LEMOS, D. MARQUES, E. ALVES, A. REGALADO, J. SOARES. A Cirurgia Ambulatória em Portugal. Resultados do II Inquérito Nacional – Parte I. Rev. Port. Cirurgia Ambulatória, 2002;3:5-13.
3. P. LEMOS, D. MARQUES, E. ALVES, A. REGALADO, J. SOARES. A Cirurgia Ambulatória em Portugal. Resultados do II Inquérito Nacional – Parte II. Rev. Port. Cirurgia Ambulatória, 2002;3:15-21.
4. P. LEMOS. Ambulatory Surgery in Portugal. The 2003 APCA report. Ambul Surgery, 2004;10:179-180.
5. P. LEMOS, D. MARQUES, E. ALVES, A. REGALADO, J. SOARES. O desenvolvimento da Cirurgia Ambulatória em Portugal. Resultados do III Inquérito Nacional. Rev. Port. Cirurgia Ambulatória, 2004;5:7-17.
6. P. LEMOS. Recent developments in ambulatory surgery in Portugal. Ambul Surgery, 2005;12:85-87.

7. P. LEMOS, D. MARQUES, E. ALVES, A. REGALADO, J. SOARES. Que tipo de Cirurgia em regime de ambulatório se faz em Portugal? Resultados do II Inquérito Nacional. Rev. Port. Cirurgia Ambulatória, 2003;4:5-41.
8. De LATHOUWER C., POULLIER J. P. Ambulatory surgery in – 1995: the state of the art in 29 OECD countries. Ambul Surg 1994; 6: 43-55.
9. De LATHOUWER C., POULLIER J. P. How much ambulatory surgery in the World in 1996-1997 and trends? Ambul Surg, 2000;8:191-210.



